



**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

SILVANO FIDELIS DE LIRA

**MEMÓRIA E SENSIBILIDADES, NARRATIVAS QUE CONTAM
VIDAS - HISTÓRIAS DO CICLO DO AGAVE EM CUBATI – PB
(1950-1980)**

CAMPINA GRANDE – PB

2012

SILVANO FIDELIS DE LIRA

**MEMÓRIA E SENSIBILIDADES, NARRATIVAS QUE CONTAM
VIDAS - HISTÓRIAS DO CICLO DO AGAVE EM CUBATI – PB
(1950-1980)**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado em História.

Orientador:

Prof. Dr. Josemir Camilo de Melo

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

L768m Lira, Silvano Fidelis de.
Memória e sensibilidades, narrativas que contam vidas
– histórias do ciclo do agave em Cubati-PB
(1950-1980) [manuscrito] / Silvano Fidelis de Lira. – 2012.

79f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Josemir Camilo de Melo,
Departamento de História”.

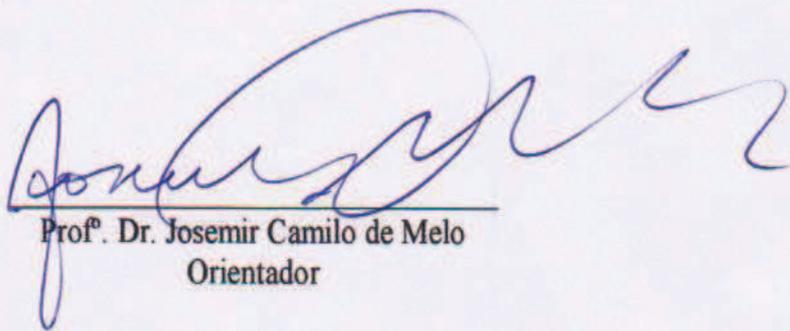
1. História de Vida - Narrativa. 2. Idosos - História de Vida. -
3. Agave-Ciclo Histórico. I. Título.

21. ed. CDD 907.2

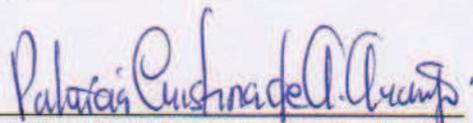
**MEMÓRIA E SENSIBILIDADES, NARRATIVAS QUE CONTAM
VIDAS – HISTÓRIAS DO CICLO DO AGAVE EM CUBATI – PB
(1950-1980)**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado em História.

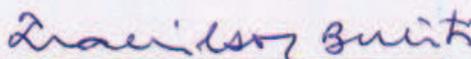
Aprovada em 04/12/2012



Prof. Dr. Josemir Camilo de Melo
Orientador



Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo/UEPB
Examinadora



Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira/UFCG
Examinador

DEDICATÓRIA:

A duas grandes mulheres, compositoras de minha música, artistas de minha vida...

Maria de Lourdes Fidelis de Lira (Mainha), mulher guerreira que me ensinou que a vida é o bem supremo, e que mesmo que pedaços fiquem para trás ela é bela, ela é sonho, ela é realidade...

A *Nelma Maria da Silva* (Madrinha Nelma) – *in memoriam* – que foi a primeira a guiar minhas mãos na aventura de desenhar as primeiras letras. “*Que saudade da professorinha que me ensinou o b – a – bá*”... Lá do infinito me abraças e diz “Que bom Silvano”...

Vocês tornaram meu (im) possível em realidade!

AGRADECIMENTOS:

Todo trabalho é uma composição, de forças, de conhecimentos, de histórias, de vidas, de saberes. Não é uma uniformidade. Feito de pedaços de vida, de amizade, de companheirismo, de encontros e desencontros... Como uma colcha de retalhos ele vai se formando, ganhando beleza, ganhando forma, mas, não é necessário que os pedaços de retalhos sejam perfeitos, com cortes precisos e uniformes, basta que sejam retalhos, de cores e formas diversas, são apenas retalhos... Assim é esta monografia, um remendo, vários remendos! Remendo de saberes, remendos de vidas, de histórias, de lágrimas e de sorrisos... Remendos que ganharam forma. Vou, então, nomear alguns retalhos dessa produção...

Antes de tudo, a Deus, que em sua beleza e simplicidade tantas vezes me segurou, me impulsionou a viver, Ele soube, participar de cada momento, mesmo no silêncio, mesmo sem alardes, mesmo sem espetáculos... Ele foi como um diretor de uma peça de teatro, sua presença muitas vezes foi tão singela, tão simples, tornando-se quase imperceptível, Ele sempre esteve comigo, mesmo por trás das cortinas do espetáculo da vida... Ele falou comigo e me disse “*Ei, Eu estou contigo!*”... Ele enxugou minhas lágrimas e costurou minha existência, trago comigo suas marcas, leves e profundas, marcas do Eterno.

Agradeço aos remendos de minha família, pessoas que sempre me impulsionaram a crescer... Agradeço o carinho e apoio de minhas tias, tios, primos, primas, sobrinhos (Rafael, Rafaela, Laênio e Lara Sophia) e irmãos, Silvana, Sandra e Toinho (in memoriam, irmão *que ainda habita na nossa memória*).

Não posso esquecer que desde o primeiro momento contei com o precioso carinho da prima Dida, que muitas vezes se fez professora, professora, companheira e amiga, me ajudando a juntar os retalhos, a buscar novos remendos de minha pesquisa. Dida, é por causa de seu exemplo que acredito na força transformadora da educação. Tua vida e tuas histórias mostram quem mesmo a vida sendo ariscada, como diz Guimarães Rosa, ela é um eterno desafio, e que precisamos ter coragem para tomarmos decisões, obrigado, prima.

Agradeço de forma especial a meu pai (Tota) e minha mãe (Lourdes)... Meu pai que mesmo em seu silêncio me proporcionou um grande exemplo, a fidelidade e a dignidade... Mainha, preciosa e dedicada costureira de minha existência, mainha, sobretudo foi o exemplo maior que tive, mesmo com tantas dores, tantas lágrimas não me negou o beijo e o abraço, ela venceu comigo, ela lutou pela vida como nunca vi igual, mulher valente e sensível, mulher

que abriu mão de partes de seu corpo, para poder ficar comigo e assistir essa conquista... Mainha eu terminei! Obrigado por acreditar em mim... Mainha é uma mulher de flor e aço.

Preciso falar de meus amigos, costureiros de minha trajetória. Não citarei todos, corro o risco de me perder nos nomes, nos gestos, nas personalidades, a todos vocês meu agradecimento, meu carinho e meu muito obrigado, todavia preciso mencionar alguns deles, preciso nomear retalhos... Retalhos imperfeitos, retalhos diversos, retalhos necessários, retalhos preciosos...

Mahcsuel Carlos, a quem eu ensinei a “ser pobre”, amigo que sempre esteve disponível a me ouvir e a me aconselhar, você meu caro, foi, é e será sempre o meu amigo/irmão presente em todos os momentos.

Jarbas César, um amigo que sempre esteve do meu lado, me ouvindo e pouco dizendo, pessoa que agradeço muito, por sua paciência e também por sua impaciência...

Thuca Kércia (representante das afecções femininas de minha colcha de retalhos), irmã/aluna/amiga e colega, menina que em meio as mais diversas “patatérias” da vida esteve me acompanhando e ajudando a curar as feridas da alma, a ouvir minhas decepções e angústias.

Valquíria Lopes, que é a culpada do meu eu historiador, Val que desde meu início do curso me ajudava, me aconselhava e me impulsionava a crescer. Sempre dizendo “Eu vejo você longe”. Val, você é a culpada por isso! Você é minha “mãe” historiográfica. Talvez eu seja fruto de uma magia, a magia de uma bruxa...

A Vanuza Souza Silva, não a Vanuza professora do departamento de História da UEPB, mas a Vanuza amiga, pequena/grande mulher que tanto me ouviu, e que pouco falou, mas muito fez, muito me costurou.

Não poderia deixar de redigir essas linhas de agradecimento sem mencionar dois amigos, que, mesmo na distância se fizeram tão presentes. Amigos que nunca negaram o seu carinho e atenção para esse aprendiz de historiador. Varlei Couto, a quem nunca vi e nem toquei, mas senti, senti seu carinho e atenção, e Durval Muniz, que nunca foi meu professor, mas me ensinou preciosas lições... A vocês meu abraço, um abraço forte e desafiador, assim como nossas vidas. Obrigado pela proximidade na distância.

Mas e os que foram embora? O que dizer daquelas pessoas que desceram do trem? Ah, vocês me ensinaram que nada dura para sempre, e que, é preciso saber ganhar e perder, é preciso inventar formas de viver, formas de preencher o vazio deixado. Também agradeço aos amigos (as) que foram retalhos rasgados, que de alguma forma, foram arrancados de meu

artesanato de vida, vocês foram marcas, não são mais... Infelizmente (ou felizmente!?) foram substituídos.

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba. Preciosas afecções de minha formação. Homens e mulheres que se lançaram no desafio de serem estimuladores de conhecimento, pessoas que me mostraram que o sonho do magistério é belo, fruto de uma sensibilidade e de uma força de vida. Citarei poucos é preciso limitar os sentimentos que sinto agora, preciso escrever minha monografia, o tempo é breve, e já começa a esvaír-se...

Dedico minhas linhas acadêmicas à Professora Patricia Aragão, que sempre com seu abraço acolhedor e seu sorriso carinhoso me estimulou e tanto me ensinou, com sua vida e com sua sensibilidade, valeu amigona.

A Professora Martha Lúcia, que sempre esteve disponível a compreender as minhas viagens históricas, Martha que detectou em mim, o Silvano sanguinário...

Agradeço de uma maneira muito especial ao meu orientador, Josemir Camilo de Melo, que de forma muito acolhedora me ajudou a dar forma a minha pesquisa, com sua simplicidade e carisma, Camilo, marcou e marca tantas trajetórias acadêmicas, eu me sinto assim, orgulhoso de ser orientando desse grande homem.

Agradeço profundamente a minha banca, que ousou em ser os primeiros leitores de minha escrita... Obrigado, mestres por aceitarem o convite/desafio de me lerem, de serem hermeneutas de meu pensar... Vocês deram o acabamento que faltava na confecção dessa colcha e retalhos, foram responsáveis pelos últimos bordados.

Estou a pontos de terminar meus agradecimentos, peço que o leitor me compreenda... Existe muita coisa dentro de um coração agradecido... Agradeço a Socorro Morais, a querida Socorrinha que sempre me recebeu de braços, sorriso e coração aberto... Aos demais funcionários, professores e técnicos do Centro de Educação, e agora da Central de Integração Acadêmica...

Por fim, agradeço a todos aqueles que acreditaram em mim, e também aqueles que duvidaram ou torceram contra, de alguma forma vocês perceberam minha existência. Eu agradeço por me fazerem existir... Vocês teem agora em mãos um trabalho gestado com carinho, esforço e muito sentimento, peço que ao lerem, construam imagens, imaginem esses homens e mulheres, não personagens distantes, mas pessoas simples, moradoras de nossa cidade, construtores de Cubati, pessoas que desenharam nossa História e que, hoje alimentam nossas memórias...

Minha colcha de retalhos está feita (!?), mas ainda posso aumentá-la, preciso aumentá-la, sinto o frio do fim a inquietude de terminar, preciso de mais retalhos, portanto vou seguir,

vou buscar novos panos, novas linhas, novos costureiros (as), sou um artesão do tempo, estarei sempre costurando, espero que outros retalhos, outras linhas surjam...

Boa leitura!

Espero que possamos nos ver nas linhas de minha escrita...

*“Quando eu já não souber amar e admirar pessoas ou coisas
(não muitas) me sentirei morto, mortificado...”*

Gilles Deleuze

RESUMO

Durante as décadas de 1950-1980, a cidade Cubati, interior do Estado da Paraíba, tornou-se uma das mais importantes produtoras de agave da região Nordeste do Brasil, chegando a ter a sua economia quase que totalmente voltada para essa cultura agrícola. Este trabalho, contudo, busca afastar-se desse viés de análise que privilegia a História Econômica. A nossa perspectiva está inserida dentro da concepção da História Cultural, na medida em que privilegia outros temas para a escrita da História (BURKE, 2005). Quando pensamos em entender como as narrativas dos idosos constroem suas memórias do passado, pretendemos entender como a experiência, passa a fazer parte da arte de moldar memórias, ou seja, buscamos pensar como as narrativas dos idosos, sobre esse recorte temporal desenham as suas memórias do passado, memórias constituídas a partir de uma sensibilidade e uma subjetividade. A memória como uma arte do sujeito e, por conseguinte do grupo em que ele se insere, nesse sentido, dialogamos com autores como BOSI (1994); SEIXAS (2004). Partindo dessas questões, estaremos entendendo a memória não como um arquivo estável de imagens do passado, mas como uma construção que atende aos anseios do presente. Em princípio, discutiremos a contextualização do tema, analisando as linhas escritas e as falas que narram a cidade, que constroem uma narrativa acerca da História Local, para isso revistaremos outros autores que destacaram o tema em seus estudos (NUNES, 2006; RIETVELD, 2010), em seguida estaremos fazendo uma análise historiográfica sobre a questão da memória, das sensibilidades e da oralidade, pensando-as como conceitos que se entrelaçam. Seguindo o caminho, analisaremos os depoimentos de idosos, pessoas que trabalharam nos campos e motores de agave durante os anos 1950 e 1980. Essas entrevistas não tiveram como objetivo a coleta de dados referentes aos aspectos econômicos da região, mas as Histórias de vida, as narrativas que falam dos sentimentos, dos gestos, das artes de viver, para que isso fosse possível, utilizamos como metodologia de pesquisa a História Oral (ALBERTI, 2005; AMADO e FERREIRA, 2006), entendida como um procedimento/metodologia de coleta de depoimentos orais, através de entrevistas abertas, em que o narrador teve total liberdade para narrar-se. Em seguida faremos uma discussão em torno de três elementos que constituem a alma, se é que a escrita tem alma, dessa pesquisa, assim, faremos uma discussão sobre memória, narrativa e sensibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Agave; Memória; Sensibilidades.

ABSTRACT

During the decades of 1950-1980, the city Cubati, the State of Paraíba, became one of the most important producers of agave from northeastern Brazil, getting to have its economy almost entirely devoted to this crop. This work, however, seeks to depart from that analysis bias that favors Economic History. Our perspective is embedded within the design of Cultural History, in that it focuses on other topics for the writing of history (Burke, 2005). When we think of understanding how the narratives of elderly construct their memories of the past, we want to understand how the experience becomes part of the art of shaping memories, ie, we seek to think how narratives of the elderly, about this time frame draw your memories of the past, memories formed from a sensitivity and subjectivity. Memory as an art subject and therefore the group in which it belongs, in this sense, dialogue with authors like BOSI (1994); SEIXAS (2004). Given these issues, we understand memory as a file not stable images of the past, but as a building that meets the expectations of the present. In principle, we discuss the context of the topic, analyzing the written lines and the lines that narrate the city, building a narrative about the local history, for it revistaremos other authors who highlighted the issue in their studies (NUNES, 2006; Rietveld, 2010), then we will be doing a historical analysis on the issue of memory, and the sensitivities of orality, thinking them as concepts that intertwine. Following the path, we will analyze the testimonies of elderly people who worked in the fields of agave and engines during the years 1950 and 1980. These interviews were not intended to collect data on the economic aspects of the region, but the life histories, narratives that speak of feelings, gestures, art of living, to make this possible, we use as a research methodology to Oral History (ALBERTI, 2005; AMADO and FERREIRA, 2006), understood as a procedure / methodology for collecting oral testimonies, through open interviews, in which the narrator had total freedom to narrate themselves. Then we will have a discussion around three elements that constitute the soul, if the soul has written, this research therefore we will have a discussion about memory, narrative and sensitivities.

KEYWORDS: Agave, Memory; Sensitivities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 –	Planta de Agave	18
Imagem 2 –	Bandeira oficial de Cubati	45
Imagem 3 –	Jornal “A união do Curimataú”.....	46
Imagem 4 –	Carregamento de agave	53
Imagem 5 –	Família cubatiense “estendendo” fibras de agave	54

SUMÁRIO

Introdução:	15
CAPITULO I - Memória e sensibilidades: as sutilezas do eu e as marcas da existência.	29
1.1 - Um mosaico de lembranças e de passados: considerações sobre a memória.	30
1.2 – Uma linha que costura o texto: Maurice Halbwachs e a memória coletiva.	34
1.3 – uma história das sensibilidades (?): quando os sentimentos se entrelaçam com o tempo.	37
CAPITULO II – Narrativas que contam vidas: as narrativas dos homens e mulheres do ciclo do agave em Cubati.	40
2. 1 - História e oral e histórias de vida: uma discussão necessária.	41
2. 2 – O cotidiano nos campos e motores de agave: entre o trabalho e a sobrevivência.	43
CAPITULO III - As marcas do tempo: a saudade dos tempos de antigamente	57
3.1 - A memória e suas marcas: (re) pensando os caminhos da memória	58
3.2 – Sensibilidades na vida, vida de sensibilidades: a saudade dos “tempos de antigamente”	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE	75

INTRODUÇÃO:

Ao se propor a pensar as memórias e as sensibilidades de homens e mulheres durante o ciclo do agave na cidade de Cubati – PB é preciso antes fazer uma cartografia¹ dessa cultura agrícola, tentando entender quais foram os fatores que contribuíram para que o agave viesse a se tornar um dos mais importantes produtos da agricultura do Seridó Oriental paraibano, marcando vidas e construindo sonhos. O nosso recorte temporal parte do princípio que o agave é considerado o grande impulsionador da agricultura nordestina, recorte temporal que também se relaciona com o apogeu da cultura na cidade de Cubati, durante as décadas de 1950-1980.

Nesse sentido, buscamos entender quais os momentos que marcam os primeiros anos da inserção dessa cultura no mundo agrícola do Nordeste brasileiro². O início da produção agavieira no Nordeste se dá no final do século XIX, período marcado pela crise agroexportadora, agravada, sobretudo, pelos longos períodos de estiagem. A seca desenhava uma imagem sombria e triste da região, compondo quadros de miséria e de dor, esse momento de crise, se agrava por inaugurar um momento em que os produtos da agricultura começaram a mostrar as suas fragilidades diante dos fenômenos climáticos que assolavam a região. A seca, mais do que um problema quase específico da região Nordeste, era um problema estrutural para o Brasil. Segundo Albuquerque Jr. (2008, p. 232); a seca acentuara a crise vivida na área, tornando-se um verdadeiro caos, seja no que tange ao plano econômico ou social. Nesse sentido a seca passa a ser visto como um problema estrutural e não meramente climático ou natural. Ela viria reforçar uma série de problemas oriundos do fim da produção açucareira, contribuindo para que o Nordeste passasse a ser visto como uma região problema, alvo de discursos que viessem a mostrar possibilidades de salvação.

Dentro desse contexto o sisal³, ou o agave, como é mais conhecido na região, tornou-se uma possibilidade de salvação econômica para o Nordeste, dessa forma, a sua expansão

¹ O cartógrafo se apoia em vários pontos, não se fixa em um ponto único e verdadeiro. Para a história esse conceito é rico na medida em que permite ao historiador, enquanto cartógrafo, montar um mapa de análise de sua pesquisa historicizar em vários pontos. Sobre o conceito, e seus desdobramentos na pesquisa histórica conferir, a coletânea de artigos e ensaios que discutem a ideia de cartografia, conferir; ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de.; NETO, Alfredo Veiga; FILHO, Alípio de Souza. (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

² Quando nos referimos aqui a região Nordeste, estamos entendendo-a como um recorte espacial, tendo em vista estabelecer limites geográficos para nossa pesquisa. Sobre essa questão, conferir; VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, Região e Poder: a busca de interfaces metodológicas. **Locus: revista de História**, Juiz de Fora, vol 3. Nº 1. s/d. (p. 84-97).

³ Planta originalmente trazida do México no final do século XIX, somente a partir do final da década de 1930 o sisal passou a ser visto como uma alternativa econômica. A planta foi introduzida nos estados da Paraíba, Bahia

trata-se de um reforço para a agricultura local, sendo incentivada pelos órgãos governamentais, que propunham o fim de uma agricultura de monocultura, mostrando que o agave poderia ser cultivado nas áreas consideradas impróprias para a agricultura básica (milho, feijão, fava, etc.), os tabuleiros ou capoeiras, áreas consideradas impróprias para a plantação de cereais, poderiam ser utilizadas para seu cultivo. Reforçava-se, ainda, que o agave não exigiria do agricultor maiores cuidados, poderia ser plantado sem a necessidade constante de limpeza, aração, o que possibilitaria ao homem do campo cuidar de outras culturas enquanto o agave crescia, até o momento de retirada das folhas para se fazer as fibras. O agave, portanto, surge como uma possibilidade diante das inconstâncias das lavouras tradicionais.

Trazido do México por volta de 1903, é somente a partir do final da década de 1930, que o agave passou a ser visto como uma alternativa econômica viável para o Brasil. A princípio as primeiras mudas da planta foram introduzidas nos Estados da Paraíba, Bahia e Rio Grande do Norte. Esses Estados foram escolhidos como territórios de experimento em virtude das condições climáticas que ofereciam um clima quente com grande predominância de luz solar.

Na Paraíba, especificamente, o agave foi introduzido em 1938, através de incentivos governamentais do Interventor Federal Argemiro de Figueiredo. A atividade foi incentivada através de duas medidas: a primeira, consistia na distribuição gratuita de mudas para o plantio; a segunda medida seria beneficiar a cultura através dos programas de incentivo à agricultura. Argemiro de Figueiredo cuidou em espalhar as mudas de agave por quase todos os municípios paraibanos, ainda seguindo o objetivo de superar a monocultura e oferecer ao agricultor uma nova via para o aumento da produção agrícola, ou mesmo a salvação da agricultura em tempos de seca (NUNES, 2006).

Contudo, não é apenas no plano governamental que há o incentivo para o plantio do agave. Na Paraíba, um nome se destaca: o Padre Luiz Santiago de Moura (1897-1989), na época vigário da cidade de Cuité, que se tornou um dos maiores produtores e incentivadores da plantação de agave da região (BRITO; OLIVEIRA, 2009. p, 200). Luiz Santiago, foi, mesmo sem formação, praticante de arqueologia, pesquisador e escritor, o vigário da cidade de Cuité foi também o primeiro a inserir na produção agavieira da região as máquinas de desfibramento, que vieram a substituir o trabalho manual.

e Rio Grande do Norte, em virtude das condições climáticas propícias, pois o sisal é uma planta semixerófila, que requer clima quente e grande luminosidade e é adaptada a regiões semi-áridas, por ser altamente resistente a estiagens prolongadas, apresentando estruturas peculiares de defesa contra as condições de aridez.

O padre Luiz Santiago, foi responsável por trazer as primeiras mudas para a região do Curimataú paraibano (NUNES, 2006; RIETVELD, 2010), bem como a incentivar os agricultores locais a cultivarem aquela planta, até o momento estranha, cercada por lendas e mitos, o “capa verde”⁴, precisava ser desmistificada. Ao Padre, coube a missão de desmistificar as histórias que habitavam o imaginário dos paraibanos, e que contribuía para uma aversão ao agave.

Em Cubati, os primeiros campos de agave surgiram no início da década de 1950, tendo em vista os lucros que possibilitaram aos pequenos produtores, o agave logo passou a ocupar grandes áreas. É nesse momento que, o agave começa a alimentar sonhos a gestar esperanças de crescimento, e porque não dizer de fortuna!(?).

Muitas famílias cubatienses, tornaram-se grandes produtoras, a cidade cresce rodeada dos verdes campos de agave, paisagens que a perder de vista revelam os sonhos de desenvolvimento, paisagens que traziam em si vidas, sonhos e sentimentos.

Em Cubati, são três décadas em que o agave esteve no centro das atenções, sendo considerado o principal produto agrícola. Fazendas e armazéns demonstravam a força que o agave havia conquistado. O sonho dourado da fibra do agave começava a tornar-se realidade. O agave, aquela planta de imagem majestosa tornava-se um importante elemento para o desenvolvimento da cidade.

A planta, agave, começava então, a tornar-se elemento de uma paisagem seca, quase desértica, nesse sentido, ela desenhava outras imagens, dava uma nova cor, um novo sentido aos grandes campos, de paisagem acinzentada. As folhas do agave destacavam-se em meio as paisagens dos campos.

⁴ “O capa verde” refere-se uma história da cultura popular, em que o Padre Cícero Romão Batista, vigário de Juazeiro - CE, havia profetizado a vinda do capa verde, que seria o agave. Sobre a história, o cordelista Cipriano Barauna escreveu o cordel intitulado; *A profecia do agave ou capa verde, predita pelo Padre Cícero na era de 1918*. Sobre essa questão conferir, COSTA, Ramilton Marinho. *Transformações econômicas e representações ideológicas dos trabalhadores do sisal*. Dissertação apresentada ao Mestrado de Sociologia Rural da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campina Grande, 1989.



Imagem 1

**O agave, planta que desde meus tempos me chamou a atenção por sua postura majestosa em meio à seca paisagem da caatinga.
(Acervo Pessoal)**

Mas, os sonhos gestados pela produção do agave não deram esperança de fortuna só as elites. Os pequenos agricultores também queriam participar daquele momento, queriam também sonhar com as riquezas advindas daquela fibra dourada, queriam ao menos o dinheiro para, no fim do mês, fazerem sua feirinha. Havia inúmeros campos, pequenas unidades produtivas de agave, pertencentes a agricultores que conseguiam ao menos um complemento para a renda, com a venda dos pequenos fardos de fibra, que eram em dias de feira, trazidos para a cidade e comercializados na feira. Na zona rural do município, os motores⁵, passaram a ser pequenas unidades de beneficiamento, espaços de sociabilidade e de encontros.

Entendemos que o motor, torna-se, para os trabalhadores não apenas uma peça, mas, um espaço praticado e vivenciado. Nesse sentido partilhamos da compreensão de Michel de Certeau, para quem o espaço é um fruto de práticas;

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência... um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de

⁵ Para a palavra “motor”, existem duas definições possíveis, para o fazendeiro, dono da propriedade, o motor seria uma máquina a desfibradeira de folhas de agave, contudo, para os trabalhadores entrevistados durante a pesquisa, o motor se constituía em um espaço praticado (CERTEAU, 2007), espaço no qual era instalada a máquina desfibradeira e onde, na falta de uma árvore de sombra era improvisado uma “latada”, estrutura rudimentar geralmente coberta de palhas de coqueiro, no motor, entendido como espaço, os trabalhadores improvisavam redes, fogareiros para preparar os alimentos e conviver durante o dia do trabalho.

estabilidade... Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis (2007. p, 201-202).

O espaço é praticado, vivenciado. O espaço realiza-se enquanto vivenciado, ou seja, um determinado lugar só se torna espaço na medida em que indivíduos exercem dinâmicas de movimento nele através do uso, e assim o potencializam e o atualizam. Quando ocupado, o lugar é imediatamente ativado e transformado, passando à condição de lugar praticado.

Mas todo esse sonho começa a mostrar sinais de enfraquecimento. A década de 1980 é marcada pelo declínio da cultura do agave, motivado, sobretudo, pela substituição das fibras de agave, por material sintético. Dessa forma o mercado começa a dar sinais de enfraquecimento.

Mas a pesquisa traz inscrita em si não apenas elementos que se referem à História, ela traz em escrita em suas linhas a subjetividade do autor. Aqui não foi diferente.

Desde a infância, uma imagem habita a minha memória; os campos de agave abandonados, cobertos pelo mato, folhas cinza, que, assim, como a caatinga insistem em mostrar sua cor vibrante a cada pingo de chuva, que se aproxima uma natureza tão forte quanto o homem da região. O agave, o capa verde, como também era conhecido, planta que alimentava sonhos, mas que também perfurava o corpo e a alma. Aquela imagem causava uma inquietação profunda e aumentava a quantidade de interrogações em meu pensamento.

Por que, para mim, aquela plantação parecia um fantasma? Abandonada, esquecida e relegada ao esquecimento? Esquecimento, não uma passividade, mas uma artimanha do sujeito, uma atividade. Esquecimento, compreendido como uma ação contra o passado (CERTEAU, 2011b. p, 72).

Muitos cubatienses queriam esquecer o agave, se recusando a falar dele. Mas e aquelas imagens? Imagens do passado que falavam a meu presente. Porém, a questão que mais me inquietava não eram essas, outra questão me fazia pensar muito mais. E os sujeitos? E as vidas que foram forjadas dentro daquele contexto? Como as pessoas, hoje idosas, que trabalharam nos campos e motores de agave narram suas experiências do passado? Como elas inserem em suas narrativas os sentimentos do passado?

Imagens que habitavam a subjetividade de pesquisador, imagens em que, como, afirma Sandra Pesavento (2012. p, 5): “O passado é trazido para o presente, reconstruído, em uma operação imaginária do sentido. Inventamos o passado, criamos realidades no pensamento, ao evocar o que não pode mais ser verificável.”

Inquietações que aumentavam quando me propunha a pensar sobre a ausência de sujeitos naquele contexto, onde estavam os trabalhadores? Onde estavam as vidas daquela sombria paisagem? Sempre ouvia falar do agave, de como era difícil e perigoso extrair a fibra daquelas folhas imensas, de homens e mulheres que passavam as noites no trabalho dos motores de agave da região, e, à luz do lampião viravam a noite, e viravam as folhas e viravam suas vidas. A imagem do agave, em toda a sua beleza, nunca deixou de inquietar minha subjetividade.

Sabia também que aquela planta teria sido responsável por alimentar sonhos e esperanças de toda uma cidade, sabia que ela teria enriquecido muitos homens, sabia que ela era exportada até para outros países, mas ainda persistiam as questões de antes. Sua importância era tão grande que foi eternizada na bandeira municipal⁶.

E os sujeitos? A indagação retorna. Revira novamente a mente e a alma do pesquisador. E os trabalhos dos campos e motores de agave? O que sentiam? Como se relacionavam? Como viviam? Eis as perguntas básicas da pesquisa que aqui se apresenta. Não se trata, porém de uma pesquisa desvinculada da subjetividade, mas, assim como disse Michel de Certeau (2011^a. p, 48), faz parte da subjetividade de seu autor e dos sujeitos dessa pesquisa.

Portanto, a inquietação que habita a pesquisa é perceber e problematizar as memórias e sensibilidades das pessoas que estiveram envolvidas com a produção de sisal, ou agave, como é mais conhecida na região, na cidade de Cubati - PB, na segunda metade do século XX. O nosso recorte espacial é, pode-se dizer, um micro-espço, os campos e motores de sisal durante as décadas de 1950-1980.

É preciso demarcar alguns pontos que definem e dão sentido a essa pesquisa. Nosso trabalho não tem como objetivo analisar os impactos socioeconômicos da produção do sisal, - tarefa já feita, brilhantemente pela historiadora e conterrânea Mariângela Nunes (2006; 2010) - nossa proposta aqui se enquadra muito mais numa História do cotidiano, História das coisas miúdas, buscando perceber através das narrativas orais como esses sujeitos elaboram suas memórias sobre o cotidiano, as sensibilidades, o trabalho e suas vidas. Para Michel de Certeau (2007) a invenção do cotidiano faz com que o homem ordinário crie novas maneiras de utilizar o espaço, instaurando a sua criatividade dentro de maneiras plurais existência.

⁶ Sendo considerada como símbolo do crescimento econômico da cidade tendo merecido destaque de ser representada na bandeira da cidade, a representação em nossa pesquisa é útil para entendermos a sua importância enquanto elemento simbólico de um povo, a mesma foi idealizada em 1977 pela Senhora Terezinha Martins Dantas, então primeira dama do município, e aprovada pela Câmara Municipal de vereadores no mesmo ano.

No momento, o que importa é perceber como os sujeitos interpretam suas memórias e como constroem suas narrativas de vida. A partir disso pretendemos caminhar por entre o território dos sentimentos e das subjetividades desses sujeitos, entendendo-os como personagens dessa trama, de uma narrativa sobre determinados fatos. Nesse sentido construiremos uma narrativa sobre o recorte temático e temporal. Entendemos a história como uma narrativa que seleciona, simplifica e organiza (VEYNE, 1998, p. 18). A história e seus procedimentos organizam e recortam narrativas e memórias.

Mas todas essas questões expostas até o momento apenas definem os aspectos subjetivos da pesquisa. É preciso destacar que até o momento pouco tem se pensado, historicamente, sobre o tema e sua importância para a cidade, destacam-se apenas alguns trabalhos sobre a região e a cultura do agave, contudo, esses trabalhos buscam versar sobre uma perspectiva econômica, analisando os impactos do auge da produção de agave e de seu declínio. Especificamente sobre a memória dos idosos referentes a essa temática não existe nada escrito, nenhuma pesquisa desenvolvida ou em andamento.

A partir dessas questões, objetivamos perceber como os idosos, que trabalharam nos campos e motores de agave em Cubati, durante das décadas de 1950-1980, elaboram suas memórias a partir das narrativas do passado, imprimindo nelas suas sensibilidades. Dessa forma pretendemos promover uma relação entre história local, memória e sensibilidades.

No decorrer da pesquisa buscamos entrevistar cinco idosos (homens e mulheres, pequenos e médios produtores) que durante as décadas de 1950-1980, trabalharam em campos de motores de agave na cidade de Cubati – PB. No que se refere à historiografia, mesmo escassa, fizemos um levantamento e análise do material bibliográfico produzido sobre o tema. Por fim, nossa tarefa foi de transcrever as entrevistas para a redação do texto seguindo as propostas metodológicas por MEIHY e HOLANDA (2007), tendo em vista dialogar com a memória e as histórias de vida das pessoas entrevistadas.

A pesquisa está centrada dentro dos princípios teóricos e metodológicos da História Cultural, tendo em vista que esta tem proporcionado aos pesquisadores uma ampliação considerável das possibilidades da pesquisa, e contribuído para o alargamento dos campos de pesquisa e das abordagens dos objetos. Isso implica em dizer que ela – a História Cultural – tem aberto um leque de possibilidades para a pesquisa. Peter Burke (2005), afirma que, com a História Cultural, existe uma aproximação muito forte do historiador da cultura pela antropologia. Segundo ele, o interesse pela cultura popular tornou a antropologia mais interessante para os historiadores, visto que os antropólogos levavam em conta o

conhecimento local e não oficial como informação. Tal relação também tem contribuído para a história, no sentido em que, proporciona a inserção de outras fontes no nosso *métier*.

No que diz respeito à constituição teórica de nosso texto, trabalhamos com autores e com pesquisadores que articulam em suas pesquisas conceitos, essenciais, como os de memória e sensibilidade. Nesse sentido, ao trabalharmos com a memória, procuramos articulá-la ao processo de construção de narrativas de vida. Entendemos que, partindo das questões do presente a memória está sempre se atualizando, diante das necessidades do presente. A memória é uma necessidade diante as armadilhas do esquecimento.

Pierre Nora é enfático quando afirma, já na abertura de seu texto que; “Fala-se tanto em memória porque ela não existe mais.” (p, 7). Nora identificou, dessa forma, a necessidade de se construir formas de preservar a memória. A História, escrita, seria então uma delas. Estabelecendo a diferenciação entre a História e a Memória, Nora, nos diz que: “A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento [...]” Já, “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (p, 7-9).

Procuramos então pensar as várias concepções epistemológicas de memória, tendo em vista que se trata de um conceito polissêmico, multifacetado e diverso, (Memória Social; Memória Coletiva; Memória Étnica, Memória Traumática, Memória Silenciada, etc.). A memória é uma heterogeneidade, construída a partir das vivências e emoções; é um lugar de refúgio, uma intersecção entre História e ficção, muitas vezes desgastante, embaraçosa, porém salutar e fecunda. A memória é tecida por fios delicados é uma atividade artesanal (REZENDE, 2006. p, 26).

A memória é registro ressignificado de experiências vividas, é criação, é uma performance do sujeito que busca no passado fundamentos para a sua narrativa, uma operação meticulosa, de escolhas, silenciamentos e manifestações. Neste sentido a memória não será aqui entendida como um mero registro, um arquivo; ela atende as necessidades do presente, às inquietações do agora, passa por uma (re) leitura subjetiva e marcada pelas inquietações do presente, é preciso compreender que a memória é uma atividade/trabalho em busca de pistas do passado.

Nesse sentido, é pertinente destacar o trabalho de Maurice Halbwachs (1990), com quem estabelecemos diálogo. Halbwachs, inspirado na sociologia de Durkheim (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993), funda uma sociologia da memória, tendo em vista que seu trabalho é atribuir à memória, uma categoria coletiva, social. O ponto principal de sua teoria da memória é que ela é um fenômeno social, uma reconstrução do passado a partir dos quadros do

presente. Sobretudo em “*A memória coletiva*”, Halbwachs se esforça em demonstrar que a memória é coletiva e não individual. Segundo ele: “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos.” (p, 26)

De acordo com SEIXAS (2004, p. 40), Halbwachs confere à memória coletiva o atributo de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva. A memória então seria um esforço do presente para voltar ao passado; dessa forma, ela movimenta-se e se atualiza através da criação, permite releituras do passado, reinterpretções do tempo. Os velhos ao narrarem suas memórias e lembranças não agem de forma passiva, lembrar, na maioria das vezes não é reviver, refazer, reconstruir, mas sim, burlar, criar e até mesmo recriar caminhos. A memória não é um sonho, não é uma mera narrativa, a memória é trabalho, intervenção do espírito, uma invenção, para usar o termo clássico de Michel de Certeau (2007).

Os estudos de Maurice Halbwachs ainda nos ajudam a situar a aventura pessoal da memória, a sucessão de eventos individuais na qual resultam mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos. Essa memória passa por teias de relações pessoais entre os grupos sociais, ela se mistura com outras narrativas e tem uma grande dinamicidade; ela é como entendeu Halbwachs, um ato de lembrar que está associado ao grupo. Por esta via, a memória passa a ser coletiva, uma imagem construída através daquilo que nos é disposto. Em nossa pesquisa é preciso evocar as memórias, para entendermos o que faz com que determinados sentimentos e imagens do passado continuem se perpetuando nas memórias dos idosos, por isso partilhamos das concepções acerca da memória propostas por Maurice Halbwachs:

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. [...] Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos (HALBWACHS. 1990. p, 25).

A memória é acionada de acordo com nossa vontade, e traz consigo outras que muitas vezes negligenciamos. A memória é uma força da subjetividade humana que permanece muitas vezes oculta até que a evoquemos. Segundo BOSI (1994);

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (p. 47).

Nem sempre a memória lembra, muitas vezes há um deslocamento de sua função, ela também pode está a serviço dos silêncios e dos esquecimentos a que o sujeito se propõe, elementos que compõem as artes e artimanhas da memória.

Segundo Durval Muniz (2007, p. 199), “O historiador quase sempre está manipulando memórias.” Como exemplo, podemos pensar a obra de Ecléa Bosi (op. cit.), em que a autora busca nas memórias de velhos as histórias de uma cidade, São Paulo. Através de sua colheita de memórias, a autora mesclou de forma envolvente a memória individual e a memória coletiva. A autora seguiu (des) caminhos que a levaram as trilhas da liberdade de um espírito que constrói memórias (memória-sonho) e a quadros sociais que ajudam a delinear e influenciam a sua formação (memória-trabalho).

A memória e a narrativa articulam-se em uma teia de construções subjetivas do tempo. Mas a narrativa da memória, não fala apenas de si, ela fala do outro, fala de um contexto, ou como prefere chamar a atenção Maurice Halbwachs, da coletividade. Portanto, a memória, mesmo sendo individual é também coletiva, pois, cria um cenário, para a sua narrativa, e esse cenário é o regional, o local, espaços concretos, mas também espaços sensíveis.

Dentro dos pressupostos da História Cultural, optou-se por trabalhar com uma discussão que embora tenha encontrado algumas resistências, tem se destacado na historiografia: a História das Sensibilidades. No Brasil ainda existem poucas produções da área, e isso tem dificultado em grande medida os estudos de novos pesquisadores que pretendem trabalhar com essa nova possibilidade de saber, e se aventurar nos ventos proporcionados por esse leque da História (LANGUE, 2006).

Um dos destaques na área é sem dúvida a historiadora Sandra Pesavento, em seu texto intitulado, “*Sensibilidades: escrita e leitura da alma*” (2007), em que a autora vai traçando considerações sobre a História das Sensibilidades. Em suas palavras, pode-se perceber certa paixão pela corrente, suas palavras traduzem uma posição teórico-metodológica que marcou seus últimos anos de pesquisa. De acordo com Sandra Pesavento (2007):

As sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. [...] Como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade. [...] as sensibilidades, este objeto do historiador da cultura, são sempre resultado de uma química especial, que envolve corpo e espírito nesta sua dinâmica interativa com a realidade [...] (p. 10)

Tornar a História um conhecimento além do científico é antes de tudo uma forma de entender os acontecimentos, as experiências, os sujeitos e percorrer caminhos tortuosos e muitas vezes nunca antes percorridos. O sujeito, assim, passa a ser o objeto desse estudo, mas não o sujeito em si, mas as suas subjetividades, as suas intencionalidades narrativas, os seus gestos. Trata-se, porém, de estudar o sujeito a partir de uma hermenêutica (FOUCAULT, 2004). A História das Sensibilidades busca se aventurar nessa trajetória, possibilitando novos olhares sobre a temporalidade, a experiência e a narrativa. É através da narrativa, que o depoente pode expressar as suas experiências do passado, imprimindo nela suas subjetividades. Nesse sentido, os narradores criam através de um impulso, memórias marcadas pela (re) leitura e pela interpretação de experiências do passado.

Os percursos metodológicos de nossa pesquisa se configuram em dois momentos distintos, mas, que dialogam entre si, sobretudo no que diz respeito ao tema. Primeiramente optou-se por se fazer uma leitura e fichamento de textos sobre a temática da memória e da História Oral. Em seguida foram realizadas entrevistas orais com alguns idosos da cidade de Cubati.

A partir da década de 70 do século passado, pesquisadores das áreas das Ciências Humanas, sobretudo, da Sociologia e da História, passaram a incorporar outros elementos na sua operação. Passou-se a pensar novas formas para incorporar novas metodologias meto ao nosso *métier*, entre elas, a oralidade, ou a narrativa do tempo que os sujeitos elaboram, essa nova metodologia, chamada História Oral. Pretendia-se, em seu estágio inicial, conceder um status de agentes históricos aos que haviam sido, durante muito tempo, personagens negligenciados, localizados nas margens da História.

Através de uma apreciação historiográfica, é possível identificar que a primeira “ambição” da História Oral, seria então dar voz aos vencidos, trazer para o ateliê do historiador os sujeitos marginais, os excluídos, personagens infames, aqueles excluídos da História. Tendo enfrentando profundas críticas quanto a sua metodologia e seu objeto, a História Oral só passou a ser realmente aceita no início de 1990, tornando-se uma prática fecunda dentro do campo da pesquisa histórica, não só nos países europeus, mas também no Brasil, tendo como marco desse momento a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO)⁷.

⁷ Criada em 29 de abril de 1994, durante o II Encontro Nacional de História Oral, realizado no Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de História Oral (ABHO) congrega estudiosos e pesquisadores das áreas de história, ciências sociais, antropologia, educação e demais disciplinas das ciências humanas de todas as regiões do país.

A História Oral surge dentro de um contexto, em que novos elementos passam a fazer parte das ferramentas que possibilitam a escrita da História Verena Alberti (2000. pp, 1-2), nos oferece uma breve contextualização da História Oral enquanto possibilidade de pesquisa, demarcando suas contribuições e campos de atuação:

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado. [...] A partir da virada das décadas de 1970-1980, apresentou-se um novo quadro na pesquisa histórica: temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada apenas ao estudo de períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção); houve um impulso da história cultural e um renascimento da história política (esta última não mais a história dos “grandes feitos” dos “grandes homens”, mas o *locus* privilegiado de articulação do social, a ação dos atores e de suas estratégias) e revalorizou-se o papel do sujeito na história – portanto, da biografia. O relato pessoal (e a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade.

Atualmente, a História Oral não precisa mais buscar um estatuto ou reivindicar a sua legitimidade. Suas propostas só mostram a sua validade diante da produção de conhecimento; basta perceber a quantidade e a qualidade das produções teóricas e técnicas que buscam na narrativa oral o fundamento de seu fazer. A História Oral seria então uma metodologia de coleta de fontes. Para, Guarinello (1998):

a história oral não se debruça sobre um arquivo morto; os vestígios de que se utiliza não são fixos, como para as outras ‘Histórias’, não são ruínas passíveis de dissecação, mas memórias vivas, de indivíduos precisos, que as produzem segundo as demandas do oralista (p, 62-63).

Trata-se de uma metodologia de pesquisa e de construção de fontes que tem revelado suas potencialidades, no sentido que leva o pesquisador a perceber o passado a partir das experiências e das subjetividades, que deixam de ser barreiras e passam a ser assuntos dessa História Oral (SANTHIAGO, 2008).

Seus associados têm em comum o uso da história oral em suas pesquisas, isto é, a realização de entrevistas gravadas com pessoas que viveram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida, ou outros aspectos da história contemporânea.

Como afirma LOZANO (2006);

A História Oral não é aquele caminho que mal se avista, com todo um horizonte a ser percorrido, agora já existe um trabalho e uma experiência acumulada, a partir da qual é necessário examinar o caminho percorrido, antes de pretender seguir adiante (p. 18).

Dentro de toda essa cartografia dos estudos sobre a oralidade, passamos a adotar em nosso trabalho a História Oral, tendo em vista que ela nos proporciona adentrar, através da narrativa, nos recantos da existência do sujeito. Narrativas entendidas como espaços poéticos de criação, composição de enredos, porque é uma prática, a linguagem é uma prática (MONTENEGRO, 2010, p. 33), onde as subjetividades e as sensibilidades vão dando contornos múltiplos a narração do passado.

Nesse sentido, as pesquisas em História Oral são cartografias sempre inexatas, pois, as sensibilidades não se dobram aos caprichos da objetividade. Elas são expressas pela narrativa e pelos gestos, pelos tons de voz, pelo olhar. Então mais do que um “entrevistador”, o oralista deve tornar-se um hermenêuta, na tentativa de entender o outro, compreender a sua palavra e as suas gestualidades. A História Oral tem se destacado como uma possibilidade de criação de fontes, marcada por uma ampla discussão teórica e metodológica, que tem agregado um considerável número de pesquisadores e temáticas relacionadas (FERREIRA e AMADO, 2006).

A nossa pesquisa trabalhou com a fonte oral, tendo em vista que durante seu percurso, objetivamos colher narrativas de homens e mulheres que durante o período do ciclo do agave em Cubati, tiveram suas vidas marcadas por sensibilidades e experiências ligadas ao contexto da produção agavieira do município. Tendo em vista que estaremos interagindo com esses sujeitos, poderemos, de acordo com as possibilidades encontradas, utilizamos documentos como, por exemplo, fotografias da época.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, intitulado: ***“Memória e sensibilidades: as sutilezas do eu e as marcas da existência”***, onde é proposta uma discussão teórica acerca dos conceitos norteadores dessa pesquisa, nesse sentido, a discussão está centrada nos conceitos de memória e sensibilidades. O segundo capítulo: ***“Narrativas que contam vidas: as narrativas dos homens e mulheres do ciclo do agave em Cubati”***, é uma discussão que entrelaça a metodologia da pesquisa, a História Oral, assim, busca-se unir a metodologia com as narrativas das pessoas entrevistadas, destacando, como essas pessoas narram suas memórias sobre o cotidiano e o trabalhos nos campos e motores de agave. Por

último, o capítulo, *“As marcas do tempo: a saudade dos tempos de antigamente”*, é uma análise mais detalhada sobre essas memórias, a partir das narrativas dos idosos, o texto é uma análise dos sentimentos, sensibilidades que se entrelaçam de forma poética com a memória, nesses caminhos a saudade torna-se um ponto de parada, onde se aprofunda a discussão.

Capítulo I

MEMÓRIA E SENSIBILIDADES: AS SUTILEZAS DO EU E AS MARCAS DA EXISTÊNCIA

*A Máquina do tempo nos tritura?
Ao mesmo tempo cria imagens novas.
Renascemos em cada criatura
que nos traz do infinito as boas novas.*

(Carlos Drummond de Andrade, A máquina do tempo)

1. 1 - UM MOSAICO DE LEMBRANÇAS E DE PASSADOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA

Recorre-se à memória para se revisitar os caminhos do passado, de certa forma lembrar é reinterpretar o tempo, nos lembramos para construir uma rede de narrativas que interpretem aquilo que foi “triturado” pelo tempo. A aventura da memória consiste em trilhar caminhos tortuosos, quando não, incertos, caminhos que ora se encontram, ora divergem, criando assim um emaranhado de sentidos, falas e imagens. Imagens que falam do passado, que narram experiências perdidas na temporalidade.

O campo da memória não pode ser entendido como uma linearidade, de forma alguma ele pode ser composto por unidades perfeitas e ordenadas. A memória não é um fio, é um emaranhado de fios. Esse campo envolve em sua dinâmica temporalidades, lembranças, subjetividades e esquecimentos. Para nós, historiadores, decifrar os labirintos da memória tem se constituído em uma necessidade, uma forma de construir o conhecimento histórico. O historiador está sempre manipulando, recortando, pervertendo memórias. Como diz Michel de Certeau, ele vai trabalhando nas margens, apropriando-se de restos, vivendo de desvios (2011b. p, 78).

Nessa atividade de manipular memórias, a produção do historiador é também uma arte, um artesanato, pois, assim como quem compõe um mosaico o historiador vai juntando fragmentos de lembranças para construir a sua obra, pedaços de formas e cores diversas, marcados pela afetividade e mesmo pelo ressentimento. Nessa composição ele seleciona e descarta, realiza uma exclusão de cenas, personagens, narrativas, pois, assim como a memória, a operação historiográfica também é seletiva. Recordar, ou rememorar, é juntar e organizar fragmentos de lembranças de coisas e de pessoas (ALBUQUERQUE JR. 2007. p, 202).

Muito tem se discutido sobre o estatuto da memória e sua inserção dentro da história, inúmeros trabalhos nos campos da História, da Antropologia e mesmo da Psicologia têm sido desenvolvidos, com o intuito de abordar o tema sob diversificados prismas. A memória então passa a ser percebida como um campo marcado pela interdisciplinaridade. Por tratar-se de um campo amplo e diverso, em suas nuances teóricas e metodológicas, Gonçalves (1999. p, 13), acredita que o campo da memória, é, “um oceano de águas sempre agitadas”.

Consideramos que um dos trabalhos mais importantes desenvolvidos sobre a memória é o Ecléa Bosi (1994), fruto de uma pesquisa no campo da Psicologia Social, “*Memória e sociedade: lembranças de velhos*” merece destaque, pois, ao estudar a memória dos idosos e

suas lembranças da cidade de São Paulo, a autora trabalha com as histórias de vida de cada um, tece uma teia entre as experiências, a sensibilidade e a memória coletiva. Por meio da memória dessas pessoas, Bosi estudou as transformações na cidade sentidas por eles ao longo dos anos, mesclando a memória e as profundas transformações de São Paulo nas primeiras décadas do século XX.

Mas ao realizar a pesquisa, a autora foi afetada, modificada pelas narrativas que colheu, a autora indica a sua militância pela causa social dos idosos resumida no livro em uma frase: “O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele” (*op. cit.* p, 81). Parece que faz uma defesa dos velhos e da memória dessas pessoas, relegados a um segundo plano pela sociedade capitalista.

Nessa publicação, há uma inusitada proposta da autora de se alternar sujeito e objeto de conhecimento promovendo a descoberta de várias facetas de sociabilidade. Inspirada nas concepções teóricas a que teve contato, a autora divide a memória em duas categorias, “Memória-Sonho e Memória-Trabalho”, a divisão proposta pela autora é, na verdade, uma tentativa de situar a pesquisa dentro de uma discussão teórica. Nele, a autora, mostra os autores com quem trabalhou e explica as principais contribuições teóricas de cada um deles. Bosi é direta, diz a que veio.

Logo no início do texto a autora mostra quais as categorias conceituais com que trabalhou, a saber, “*A Memória Sonho*”, inspirada na leitura do filósofo Henri Bergson. Henri Lois Bergson nasceu em Paris no ano de 1859, durante sua vida dedicou-se à filosofia, sendo durante vários anos professor universitário, tendo uma forte influência, dentro e fora dela.

Dentro da Filosofia francesa, Bergson é considerado um dos filósofos mais polêmicos de sua época, sobretudo por recusar o cientificismo reinante no campo das ciências humanas e sociais. Isso levou Deleuze (1999) a afirmar que muitos de seus leitores não sabem o ódio que Bergson no início pôde concentrar na Universidade francesa. Mas outras observações podem ser expor para se chegar a essa conclusão, isso acontece a partir de uma importante informação em sua trajetória. Bergson recusa o modelo positivista, mecanicista e cartesiano que se impunha nas mais diversas áreas do conhecimento, sobretudo nas ciências humanas e sociais, sua busca incansável é de criar uma Filosofia do espírito.

Dentro da perspectiva de Bergson, a memória pode ser dividida em duas. A *memória hábito*; que faz parte de um adestramento cultural, ou seja, elementos cristalizados que se tornam habituais, quase mecânicos. E a *memória lembrança*; que é evocativa surge a partir de estímulos, como por exemplo, uma fotografia. A memória, segundo Bergson, permanece, quieta, adormecida, carecendo apenas de estímulos para que se torne manifesta novamente.

Sua filosofia da memória, é que, ela é conservação e se conserva no espírito, portanto é subjetiva.

A segunda categoria conceitual, mais importante para nossa pesquisa, trabalhada por Ecléa Bosi é de inspiração sociológica, “*Memória Sonho*”. Nasce da leitura de um dos maiores clássicos da sociologia, *A Memória Coletiva*, do também, francês, Maurice Halbwachs. De inspiração psicossocial, Halbwachs dá continuidade aos projetos de seu maior inspirador, Émile Durkheim, tendo em vista que seus estudos se darão de acordo com as idéias da sociologia francesa, sobretudo, de fato social e sistema social.

Halbwachs vai estudar a memória não como uma faculdade da alma, como fez Bergson, sua concepção é de que a memória é constituída através de quadros sociais, sua proposta é entendê-la como um conjunto de relações sociais, que nasce e se configura com a relação entre o grupo, nesse sentido a memória é então uma construção, ou como quer Bosi, como trabalho. Enfim, estas são as principais inspirações teóricas da autora, embora ela beba dos estudos como Walter Benjamin sobre a narrativa e de Simone de Beauvoir sobre a velhice. Todavia, embora sob inspiração de outros autores e de outras áreas do conhecimento a sua grande inspiração está em Bergson e Halbwachs.

O trabalho com Maurice Halbwachs, que dá suporte teórico a nossa pesquisa, nos ajuda a situar a aventura pessoal da memória, a sucessão de eventos individuais na qual resultam mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos. Essa memória passa por teias de relações pessoais entre os grupos sociais, ela se mistura com outras narrativas e tem uma grande dinamicidade. Ela é, portanto, coletiva, como entendeu Halbwachs. O autor acredita que a memória e o ato de lembrar estão intimamente associados ao grupo; por esta via a memória passa a ser coletiva, uma imagem construída através daquilo que nos é disposto. Em Halbwachs, a memória é sempre múltipla, emerge de um grupo, nesse sentido, ela é viva, movimenta-se no interior de um grupo social.

O trabalho de Bosi é importante, pois nos mostra e nos auxilia a pensar a memória em sua mais tradicional configuração, a narrativa, que, como afirma Benjamin, anda em vias de extinção (1994. p, 197). Mas qual a articulação das teorias utilizadas com o principal tema da obra, memória e velhice? Por que a opção da autora em buscar na memória dos velhos elementos para entender a sociedade paulistana do início do século XX? A autora estudou apenas memória, não buscou documentos ou outros documentos, por opção não fez nenhum cruzamento de fontes. A autora mesmo é quem nos responde...

Nelas – nas pessoas idosas – é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis; enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulto, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade (*op. cit.* p, 60).

A tese central de sua obra é que o velho carrega em si uma missão, que é ao mesmo tempo social e pessoal, lembrar e narrar o passado e, a partir dessa narrativa, desenhar quadros do tempo que se foi... Contar histórias do que já foi. O velho deve manter as suas lembranças como suporte da memória coletiva.

Antes de tudo, o que é memória?

A memória pode ser entendida como a capacidade de lembrar, de resgatar imagens do passado através de uma atividade de buscar e reunir lembranças. A memória forma um quadro do passado, não obedece a uma linearidade, e muito menos compõe uma imagem fidedigna do passado, ela é marcada pelas ressignificações das experiências, representações que sofrem influências, rupturas, rasuras do tempo. A memória é uma arte de lembrar, arte de (re) desenhar o tempo e suas nuances.

Ao propor uma análise das mais variadas manifestações e configurações da memória, Tedesco (2004) quer, como explícito em seu título, “*Nas cercanias da memória*”, cercar, definir o conceito de memória a partir das múltiplas formas de teorizá-la. O autor diz que, a memória é a “capacidade de conservar determinadas informações com o auxílio de funções psíquicas, sendo essas capazes de atualizar impressões passadas, que se representam como passadas” (p, 32). E continua: “por memória entende-se a faculdade humana de conservar traços de experiências passadas e, pelo menos em parte, ter acesso a essas pelo veio da lembrança” (p, 35).

A memória é antes de tudo uma arte. Ao narrar, o sujeito molda suas recordações, a partir de aspectos subjetivos e, também coletivos. As recordações não são meras exposições, descompromissadas e desvinculadas da subjetividade, mas é um olhar que atravessa, que corta as imagens do passado. As recordações atravessam o tempo e suas multiplicidades. Segundo Guimarães Neto (2006. p, 56): “Recontar as histórias é também criar a possibilidade de entrar na dimensão da invenção da experiência humana”.

Mas quais as contribuições do pensamento de Maurice Halbwachs para pensarmos o conceito de memória? Como a memória pode ser entendida como um mosaico de pequenas peças que juntas, desenham a memória coletiva?

1. 2 – UMA LINHA QUE COSTURA O TEXTO: MAURICE HALBWACHS E A MEMÓRIA COLETIVA

O texto acadêmico, assim como todo texto de História é, na verdade, a costura de múltiplos aprendizados. O pesquisador reúne tudo aquilo que fez parte de sua trajetória e através de uma teoria, ou de pistas teóricas, vai costurando seu texto, sua narrativa. Os retalhos dessa pesquisa, portanto foram costurados por vários autores, inventores do pensar, entre eles, vali-me dos estudos de Maurice Halbwachs e sua teoria da memória coletiva.

Maurice Halbwachs (1877-1945) é um dos grandes nomes da sociologia francesa, discípulo fiel da escola durkheimiana, foi responsável por conceber um estatuto histórico ao trabalho de Émile Durkheim (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993. p, 286). Influenciado pelos estudos sociológicos sobre a classe operária escreveu uma tese sobre o nível de vida dos operários, contudo, sua obra mais célebre é o estudo do conceito de memória coletiva, criado por ele.

Na *École Normale Supérieure*, em Paris, estudou filosofia com Henri Bergson, o qual o influenciou enormemente, e a quem anos mais tarde se oporia em termos teóricos. Lecionou em vários liceus antes de viajar à Alemanha em 1904, onde estudou na Universidade de Göttingen. O encontro com Durkheim se dá na França em 1905, nesse momento abandona os estudos de filosofia e passou a demonstrar maior interesse por sociologia. Reuniu-se ao conselho editorial da revista o *Année Sociologique*, onde trabalhou com François Simiand editando a seção de economia e estatística. Em 1909, voltou à Alemanha para estudar marxismo e economia em Berlim.

Durante a Primeira Guerra Mundial Halbwachs ocupou cargos do Estado. Com o fim dela, o sociólogo tornou-se professor de sociologia e pedagogia na Universidade de Strasbourg. Manteve nessa universidade uma posição privilegiada por uma década. Foi professor visitante por um ano na Universidade de Chicago. Em 1935, foi chamado para a Sorbonne, onde ensinou sociologia, trabalhando com Marcel Mauss e foi editor dos *Annales de Sociologie*, o jornal que sucedeu *Année Sociologique*. Em 1944, ele recebeu uma das maiores honrarias da França, uma cátedra de psicologia social no Collège de France,

importante centro do conhecimento francês. Desde muito tempo socialista, por ser judeu Halbwachs foi detido pela Gestapo após a ocupação nazista de Paris e deportado para Buchenwald, onde teve destino semelhante a um grande historiador de seu tempo, Marc Bloch, sendo executado em 1945.

São também de Halbwachs as principais teses que contribuem para a diferenciação, ou separação (?) entre história e memória. Para o autor, a memória é viva, múltipla e possível de releituras, modificações, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Em contrapartida, a história seria uma atividade de problematizar e cristalizar a memória através de procedimentos que regem a disciplina. O historiador não estaria a serviço da memória, e sim da história, mergulhado em seus procedimentos técnicos e institucionais. Nesse sentido, como afirma François Dosse (2004, p. 173), “Os historiadores tornam-se então especialistas na crítica da memória”.

O primeiro ponto a ser destacada na teoria da memória coletiva é que, não existe memória individual, esta seria apenas um ponto de vista de uma memória grupal, envolvida em relações de um conjunto. O indivíduo e suas memórias estão inseridas em grupos de referência, no interior desses grupos. A memória brota não como um sonho ou como mágica, mas como um trabalho do sujeito, ou seja, requer do sujeito esforço, diálogo com o tempo e a experiência. Esses grupos de referências são grupos do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu um conjunto de pensamentos e criou uma espécie de identificação, portanto a memória é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserido num contexto social.

A memória coletiva, propriamente dita, é o trabalho que os personagens de determinados grupos sociais realizam, em uma articulação com as lembranças e as percepções do grupo em que está inserido; o que resulta desse trabalho são lembranças compartilhadas pelo grupo. Halbwachs, ao desenvolver as teses da memória coletiva, atribui aos grupos sociais um importante papel nos processos históricos.

Segundo, SCHMIDT (2006);

O ponto essencial da teoria de Halbwachs é, pois, considerar a memória como um fenômeno social, uma reconstrução (e não conservação) do passado a partir dos quadros sociais do presente. No livro póstumo *A memória coletiva*, após sua trágica morte no campo de concentração de Buchenwald, no ano de 1945, verifica-se o permanente esforço do autor em comprovar a inexistência de memórias exclusivamente individuais, mesmo numa mínima parcela (p, 92).

Halbwachs acredita que “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, na realidade nunca estamos sós” (1990. p, 26). Tudo aquilo que lembramos está relacionado ao grupo em que estamos inseridos, formando um mosaico, ao recordarmos juntamos peças que podem ser nossas ou de outros sujeitos, sobretudo aqueles que fizeram parte do contexto em que os eventos de nossa vida se desenrolam. Isso leva ao autor a defender que toda memória, em seu nível mais individual possível é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nesse sentido o sujeito é entendido como alguém inserido em uma trama coletiva.

A memória, não é sonho, é um trabalho, um diálogo intenso entre a experiência vivida e a narrativa. Mesmo estando em diálogo com a subjetividade, com o eu, a memória é uma relação de si com o coletivo. Ao rememorar, o narrador costura as suas experiências com as do grupo, busca no outro aquilo que a sua memória esqueceu, apoia-se na experiência do outro. Diante dessa relação, a lembrança enquanto conservação total do passado seria uma impossibilidade; a arte de lembrar, é possível de outras interpretações, de recortes e de silenciamentos, lembramos, mas também esquecemos, apagando de nossas memórias eventos, momentos que não tem importância ou mesmo, que nos causam traumas. Michel Pollak (1989, p. 4), nos alerta para os silêncios da memória, silêncios que criam zonas indizíveis de nossas lembranças.

Na relação entre a história e a sociologia os estudos de Halbwachs sobre a memória revela a importância do assunto. Historiadores e demais pesquisadores não cessam de recorrer as suas reflexões para entender a constituição das memórias e as suas relações com o passado, sobretudo no que se refere aos grupos sociais. Tal relação revela, ainda, a vitalidade que o tema tem assumido no cenário atual. A memória e suas múltiplas dimensões não deixam de surpreender em suas renovações teóricas e metodológicas.

O conceito de memória coletiva nos auxilia nesse percurso de pesquisa, pois nos possibilita entender as memórias dos antigos trabalhadores dos campos e motores do agave, não como uma memória separada, como uma ilha, mas, como uma memória que se interliga, através das narrativas, aos demais sujeitos que fizeram parte daquele contexto social. Os narradores ao contarem suas lembranças buscam suporte não só em suas experiências, mas também no grupo. Nesse sentido a memória é um fazer múltiplo, assume uma dimensão coletiva e não individual.

1.4– UMA HISTÓRIA DAS SENSIBILIDADES (?): QUANDO OS SENTIMENTOS SE ENTRELAÇAM COM O TEMPO

*“O povo de antigamente
Tinha mais felicidade
Apesar de trabalhar muito
Viviam a tranquilidade”.*

(Rosilda Barros, poetisa cubatiense)

O verso acima faz parte de um poema gentilmente escrito para essa pesquisa. Nele podemos ver o quanto a autora, utilizando poucas e simples palavras é capaz de compor um quadro sobre a vida do “povo de antigamente”. Palavras revelam a sensibilidade e a percepção do passado. Para uns tempos de felicidade, para outros tempos de tristezas e dores. As sensibilidades revelam isso, percepções do passado, formas de narrar a experiência.

O estudo das sensibilidades, através perspectiva da História Cultural, tem se tornado uma possibilidade fecunda para a pesquisa historiográfica. As sensibilidades são as áreas mais particulares do ser humano, correspondem a campos onde a alma estabelece diálogo com o tempo e com as experiências, criando caminhos alternativos, surpreendendo com sua vitalidade e a beleza, uma beleza que não se mostra em grandes eventos, ou momentos, mas uma beleza sutil que se esconde nos detalhes do dia-a-dia, nos micro espaços, na relação com o outro e consigo mesmo. As sensibilidades revelam as sutilezas do eu, desenham a subjetividade e interferem na forma com que narramos as experiências do passado. A memória é operacionalizada através de diálogos entre a experiência e os pontos sensíveis da alma, construindo uma relação direta do tempo com a alma.

A história das sensibilidades pretender extrair, do tempo e das experiências humanas, os significados mais singulares, que se tornam quase confidenciais. O objetivo e a ambição principal da história das sensibilidades, de acordo com Frédérique Langué (2006, p. 21), é: “Abrir uma brecha nova nas fontes, transpor o silêncio das fontes ao reavivar palavras esquecidas”. Percebe-se que há um diálogo com as fontes, o historiador que busca trabalhar com os sentimentos dos indivíduos ou dos grupos é também um historiador que busca as fontes, que faz a crítica documental, porém não se limita a uma análise do documento, mas busca perceber as tramas que engendram o evento. Ao analisar fotografias, por exemplo, ele

não se limita a ler a imagem, mas faz uma leitura do tempo. A pesquisa, sob a perspectiva das sensibilidades, exige do historiador uma nova leitura, cada vez mais cuidadosa e sensível.

Buscar nas subjetividades, nos sentimentos humanos, indícios, sinais para o fazer histórico, é o mesmo que caminhar por estradas desconhecidas, encontrar-se com obstáculos; nesse sentido, pode tornar-se algo constante. O historiador dos sentimentos humanos segue trilhas acidentais e misteriosas. O historiador das sensibilidades lida com objetos não palpáveis, ele faz uma leitura da alma, se aventura nessa difícil tarefa.

No Brasil, poucos pesquisadores tem se dedicado a estudar as sensibilidades. Ainda é limitado o número de pesquisas e publicações da área. Recentemente, alguns pesquisadores tem iniciando as discussões através de universidades e grupos de pesquisa. Contudo, mesmo com esse breve diagnóstico, há um consenso entre os historiadores que as pesquisas nessa área, estão crescendo muito no Brasil. Há uma valorização crescente, relacionada a outros países, com os estudos dos sentimentos dos indivíduos e de determinados grupos sociais.

Dentro dessa contextualização não se pode deixar de destacar o papel da historiadora gaúcha Sandra Pesavento. Pioneira nas pesquisas sobre história e sensibilidade, Pesavento é também um dos grandes nomes sobre a História Cultural. Para a autora;

a preocupação com as sensibilidades da história cultural trouxe para os domínios de Clio a emergência da subjetividade. É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que a tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos (2012. p, 20).

Permita-me o leitor repetir o último trecho da citação de Pesavento, “*Os homens aprendem a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos*”. Talvez essas últimas palavras sejam as portadoras de toda a leveza que o texto de Pesavento traz. Talvez seja ele, que conceda a sutileza das palavras de seu texto. A vida se traduz. As experiências se traduzem. E, até mesmo as memórias podem ser traduzidas.

O estudo das sensibilidades é algo que atrai o pesquisador e também o seu leitor. Histórias que são contadas com uma dose de sentimento, parecem que são mais fáceis de serem compreendidas, parecem que criam um enredo em nossa mente, projetam as imagens do passado diante das páginas, tantas vezes, enfadonhas do livro. O homem sente necessidade de traduzir o mundo que o cerca, mas de traduzi-lo não apenas em termos técnicos e

científicos, em termos sensíveis, afetivos. Estudar as sensibilidades é dialogar com um conjunto de sensações e sentimentos que construímos durante a existência.

As sensibilidades mergulham em um oceano de percepções individuais da vida, vida feita de momentos, de pedaços, muitas vezes desordenados e irregulares. A tradução sensível apenas conhece as nuances do ser, essa forma de traduzir a vida; desconhece os números, as exatidões, mas caminha por terrenos afetivos. O amor, a alegria, a felicidade, o ódio, a angústia, o medo, etc., são formas que o ser encontra para expressar, para exteriorizar aquilo que habita, e transborda de sua alma.

Portanto, sentir é algo humano, faz parte de nossa natureza, esses sentimentos habitam as nossas experiências e fazem parte daquilo que nos modifica, e que modifica as nossas percepções de existência. A vida se transforma em obra de arte. Sentir é necessário, traduzir os sentimentos mais ainda. A lágrima, o sorriso, o olhar, não são meras manifestações fisiológicas ou estéticas do corpo. A lágrima é um poema, o sorriso um texto.

A esses textos, o historiador das sensibilidades, concede um tratamento especial. Sentimentos são impossíveis de tratamentos heurísticos, só podem ser traduzidos a partir de um olhar atento, que delegue a subjetividade uma maior importância.

O olhar muitas vezes é o mais importante método do pesquisador. É preciso deixar, ao menos em parte, de vasculhar tanto os arquivos e passar a vasculhar os sentimentos, usando o olhar, olhar do corpo e da alma, buscando perceber os sussurros do tempo, muitas vezes despercebidos. Eliane Fleck (2006, p, 217) diz que: “as sensibilidades lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos que obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais”.

As sensibilidades estão relacionadas diretamente ao imaginário e ao conjunto de significados que o sujeito controle sobre o mundo sobre si mesmo (PESAVENTO, 2007, p. 20). Dessa forma são produtoras de sentidos e percepções. Pensar os espaços sensíveis do sujeito é adentrar não só para o estudo do indivíduo, mas lidar com as suas histórias de vida, suas relações cotidianas; é aventurar-se no conhecimento. E, como indagou Sandra Pesavento (idem, p. 21) “Por que não aceitar o desafio?”.

Envolvidas em todas essas memórias e sensibilidades, estão narrativas, histórias de homens e mulheres que ao narrarem suas vidas entrelaçam sensibilidades, histórias que falam do cotidiano, do trabalho. Mas como as narrativas contam vidas? Como as memórias desenham os quadros do passado? É isso que se pretende com o próximo capítulo...

Capítulo II

NARRATIVAS QUE CONTAM VIDAS: HISTÓRIAS DO CICLO DO AGAVE

“... que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

(Manoel de Barros)

2. 1 – HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIAS DE VIDA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

O trabalho com as narrativas orais é uma prática que há alguns anos vem sendo bastante utilizadas pela história e pelas demais ciências humanas, desde a década de 1960 as pesquisas que utilizam a oralidade veem se destacando, não só pelas temáticas, mas também pela possibilidade de utilizar a fala como documento histórico. A princípio, a história oral estava destinada a registrar as narrativas de grandes personagens, sobretudo sujeitos que ocupavam a cena política.

Nos anos 70, essa modalidade de pesquisa passa a se preocupar com a historicidade de grupos, e não mais de indivíduos isolados, diante desse novo momento da história oral, se pretendia forjar uma forma de conceder voz aos vencidos, trazendo para o centro da história os personagens excluídos. Hoje essas questões veem passando por um processo de reavaliação, hoje a história oral vem sendo tanto utilizada como criticada. Trabalhar com as narrativas orais é se colocar diante de uma das questões mais polêmicas da atualidade.

A oralidade passou a despertar interesse da história na medida em que abre novas possibilidades de investigação do passado, a partir de entrevistas orais, o historiador se vê diante de uma forma em, que ele pode criar novas fontes, estabelecer novos diálogos com os sujeitos, participantes ou testemunhas da trama histórica. A história oral busca destacar as visões ou as versões dos indivíduos sobre determinado recorte. Seja ela temática ou de vida, ela é uma forma de adentrar no âmbito subjetivo da memória.

É só a partir dos anos 90, que a história oral passa a ser realmente aceita como um método historiográfico, dotada de novas propostas para ofício do historiador. Uma das maiores características que a história oral tem revelado atualmente é o fascínio que ela proporciona ao pesquisador (ALBERTI, 2004. p, 13-31), a autora defende que a metodologia de coleta de depoimentos orais descortina um fascínio por tratar-se, de uma forma de conhecimento que dialoga diretamente com o vivido, com os personagens da história.

Mas, a história oral ainda levanta questionamentos, motiva indagações que contribuem para a construção da história. Afinal, que História é essa que se faz através da fala, de uma prática narrativa e, através das mãos do historiador se encerra na escrita? Poderia, a fala ser constituída em documento histórico? Como expressar os gestos articulados em uma entrevista? Como traduzir sentimentos e os descaminhos da narrativa através de uma atividade escriturística? São questões como essas que o pesquisador se depara.

A fonte oral, segundo TEDESCO;

por ser viva, é parcial; exige confronto com o outro, diferenças e unidade, diálogo, *entre-vistas*, processo de aprendizado, conversas, enfim, subjetividades, não bem vistas por algumas correntes mais tradicionais do campo da história e de algumas filosofias e metodologias da ciência de base cartesiana e adeptas à ortodoxia (2004. p, 113) (*grifo do autor*).

Como escrever, como transformar em linhas escritas as narrativas dos personagens? A questão que se coloca é como colocar em letras as gestualidades, as expressões corporais durante as conversas, essa questão implica uma *entrevista*, uma relação de interpretação entre o narrador e o ouvinte. As falas dos narradores são, geralmente, marcadas por silenciamentos, conversas que vão e vem, sem nexos, mas, repletas de interpretações subjetivas do passado.

O trabalho com as narrativas orais requer do pesquisador todo um aparato teórico-metodológico que possibilite um trabalho eficaz e produtivo, neste sentido, vários historiadores tem se debruçado a escrever sobre o tema que vão desde a preparação ao tratamento e transcrição das entrevistas.

Em nosso trabalho utilizamos uma espécie de manual. “*História Oral: como pensar, como fazer*” José Meihy e Fabíola Holanda (2007) a obra fornece ao pesquisador – sobretudo o iniciante – importantes passos para a realização das atividades de pesquisa, desde como escolher os entrevistados até como proceder durante a transcrição do material e a redação do texto. Os autores propõem uma diferenciação metodológica entre história oral temática, tradição oral e história de vida, contudo, nos deteremos aqui em abordar esta última. Tendo em vista que, na pesquisa em questão pretende-se trabalhar com as histórias de vida de homens e mulheres que trabalharam nos campos e motores de agave na cidade de Cubati.

A história oral de vida é um gênero da história oral (MEIHY; HOLANDA, 2007. p, 36-38), que tem como objetivo promover a busca e valorização de narrativas individuais. Geralmente, os sujeitos são entrevistados com o intuito de narrarem o conjunto de experiências que compõe suas vidas. A realização de entrevistas, sobre as experiências de vida, pode nos ajudar a entender como o indivíduo se insere dentro da história, como narra a si mesmo, como interpreta os acontecimentos e como percebe o mundo em que se insere.

Contudo, entender as histórias de vida como relatos coerentes e sequenciais de fatos, seria uma ilusão, uma ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006). Em nossa pesquisa compreendemos que a história total seria outra ilusão, portanto, ao investigarmos as histórias de homens e mulheres cubatienses, recorreremos a utilização de um recorte temporal e temático. Para tanto, foram entrevistas cinco pessoas, homens e mulheres que tiveram em comum o

trabalho, pessoas com mais de sessenta anos de idade, e, a partir de suas narrativas nosso trabalho investiga as histórias de vidas desses sujeitos que trabalharam nos campos e motores de agaves de Cubati durante as décadas de 1950-1980. Os colaboradores da pesquisa foram convidados a ter total liberdade de narrarem suas experiências, para isso, fizemos a opção de não utilizarmos questionários. As entrevistas transcorreram de forma livre, nosso intuito é entender como esses sujeitos narram suas memórias do passado, articulando suas sensibilidades.

2. 2 – O COTIDIANO NOS CAMPOS E MOTORES DE AGAVE: ENTRE O TRABALHO E A SOBREVIVÊNCIA

"Eu trabalhei, eu trabalhei pra criar meus filhos, quase me acabo..."

A cidade de Cubati está localizada na região do Seridó Oriental paraibano, e de acordo com a estimativa censitária realizada em 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a sua população era, na época, de 6.546 habitantes, possuindo uma área territorial de 137,2 km². Atualmente, Cubati é uma cidade com poucos recursos econômicos. Estando encrustada em uma área geográfica de abrangência do semiárido, a cidade traz em si um histórico de problemas estruturais, sobretudo, prolongadas secas, o que obrigou sua população a adaptar-se a novas formas de sobrevivência. O homem da terra teve que domar a sua realidade e pela inviabilidade da agricultura de grãos e cereais, como o milho e o feijão, a agricultura cubatiense, teve de superar a agricultura básica e de subsistência e passou a produzir agave. É um pouco dessa história que se pretende contar aqui.

Em Cubati, as primeiras mudas de agave começaram a ser plantadas no início da década de 1950, através de incentivos dos governos estadual e municipal. Mas é somente no início dos anos sessenta que a produção de agave começa a se destacar como a mais importante atividade econômica de Cubati, fazendo com que o município viesse a se tornar uma das maiores produtoras da região. São vários fatores que contribuem para isso, mas, é, sobretudo pelas condições climáticas e geográficas que o agave se torna um forte elemento da economia e da sociedade cubatiense.

O agave produzido na zona rural eram trazidos para cidade em caminhões, quando em pequena quantidade, eram transportados no lombo de jumentos, nos armazéns, pertencentes aos grandes comerciantes locais. Sábado, em Cubati era dia de feira, dia em que o agave era comercializado, os grandes comerciantes por sua vez comercializam as fibras com as duas maiores compradoras da região, a SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro), que além de ter sua sede em Campina Grande, mantinha uma espécie de filial na fazenda do Sr. João Ângelo da Costa, um dos grandes produtores e compradores de agave, a outra compradora do agave cubatiense era a, CONSITE (Companhia Sisaleira de Cuité), da cidade de Cuité.

Mas essa planta não representa apenas uma questão econômica, é também, uma planta que marca a vida e alimenta as sensibilidades de muitos homens e mulheres, que hoje, recorrem à lembrança para falar, narrar os caminhos do passado. Construindo novas sensibilidades e criando outras esperanças, o agave inaugurou um novo tempo, um tempo de novas possibilidades, capaz de modificar a realidade de uma região pobre, capaz de colocar Cubati no centro das atenções regionais. O agave seria também capaz de construir vidas, de fazer parte das existências dos agricultores e de suas famílias.

Mas como reconstruir os caminhos do passado? Como desafiar a força absoluta do tempo? A história, através do historiador, com seus procedimentos escriturísticos, inventa o passado (ALBUQUERQUE JR. 2007). Através da memória dos antigos trabalhadores é possível reinventar o passado e perceber a importância da cultura agaveira para Cubati. Importância que se manifesta não só na área econômica, mas também na vida de sujeitos que, de certa forma, tiveram suas vidas marcadas pelo ciclo do agave, décadas de pujança econômica e de construção de sonhos.

O agave tornou-se então um símbolo, uma marca do povo cubatiense, tendo um lugar de destaque para a cidade. Sendo considerado como símbolo do crescimento econômico da cidade o agave foi representado na bandeira municipal, a mesma foi idealizada em 1977 pela Senhora Terezinha Martins Dantas, então primeira dama do município, e aprovada pela Câmara Municipal de vereadores no mesmo ano, e, por conseguinte adotada como bandeira oficial. Seu desenho está sob uma engrenagem, que viria a simbolizar o crescimento econômico e social, na qual a cidade passava durante a produção agaveira, elementos que se misturam as cores do céu, azul anil, e ao dourado das riquezas que a cidade explorava.



Imagem 2

O agave tornou-se, devido a sua importância econômica, um símbolo de Cubati, aqui a representação da planta na bandeira municipal.

(Fonte: Acervo pessoal)

Dentro desse contexto, grandes produtores começaram a se destacar, apoiados por incentivos do poder local e estadual. Começaram a espalhar as primeiras mudas de agave por imensas propriedades, desse modo tornavam-se sujeitos que vislumbravam novos tempos para si mesmos e para a cidade. Esses são os primeiros momentos do agave em Cubati, tempos em que os verdes campos e os motores começaram a se espalhar, desenhando uma nova geografia, não mais aquela marcada pelo acinzentado da caatinga, mas, uma geografia que começava a ser pintada de um belo verde, verde de imensas folhas. Um novo quadro se compunha. Verde de esperanças, verde que criava, mas que também feria e “comia as mãos da gente”, como relataram alguns dos trabalhadores.

Mas, o agave foi um importante elemento da economia da região, transformando outros sonhos em realidades, moldando a vida de homens e mulheres, pobres e ricos. Um dos trabalhos mais importantes sobre a temática destaca-se; COSTA (1989) que discute as transformações econômicas e sociais ocorridas entre os trabalhadores dessa cultura. NUNES (2006) mostra as transformações ocorridas no cotidiano dos trabalhadores do agave com o processo de mecanização do desfibramento. BARROS (2005) desenvolveu uma pesquisa acerca da atividade comercial e da crise do agave na cidade de Pocinhos, município próximo a Cubati. Por fim, destacamos o trabalho de PEREIRA (2007) que teve por fundamento, estudar a trajetória faz mulheres que trabalhavam no agave, na cidade de Nova Floresta – PB, durante as décadas de 1960-1970.

Cubati se redeseenhava com as plantações de agave, homens de posses começavam a se impor como grandes produtores, homens ricos. No entanto, em nossa pesquisa buscamos estudar a vida dos trabalhadores, que trabalhavam nos campos. Trata-se de sujeitos que buscavam aquele tipo de trabalho para que pudessem prover as necessidades de suas famílias, homens e mulheres pobres, que durante os períodos em que a agricultura era inviável, sobretudo por causa da seca, tornavam-se “trabalhadores alugados” dos grandes produtores de agave.

Na década de 1980, mesmo em meio a grandes dificuldades, pelas quais passava como, por exemplo, a concorrência no mercado com as fibras sintéticas, o agave ainda se destacara como um forte produto da economia local. O jornal “A união do Curimataú” da cidade de Picuí, de 1986, ainda colocava o sisal (agave), como produto de desenvolvimento econômico financeiro e agropecuário de Cubati.



Imagem 3

Recorte do Jornal “A União do Curimataú de 1986”, no final da década de 80 o agave ainda se impõe ao lado do algodão, como importante lavoura para o desenvolvimento da cidade.

(Fonte: Acervo pessoal)

Para adentrarmos no ambiente da produção das fibras de agave, os motores, recorreremos à memória de antigos trabalhadores. Entendemos que os trabalhadores ao narrarem suas experiências compõem uma narrativa do passado, e mesmo evocando suas memórias individuais participam de uma reconstrução coletiva do passado. A memória desses homens não é uma memória única, individual, mas uma memória que, elabora composições de quadros coletivos, a partir de experiências comuns (HALBAWCHS, 1990), experiências que trazem, que compõem o labirinto da memória. Entendemos que é nos indivíduos que as lembranças afloram e se legitimam, formando uma memória grupal.

Para que o trabalho nos campos e motores de agave fosse realizado os grandes produtores da região contratavam homens e mulheres da cidade, pessoas que, não por opção, mas por necessidade iam trabalhar naquele serviço. Uma atividade, que segundo, os entrevistados, era difícil, um trabalho para pessoas que realmente tinham coragem. Mas, diante do contexto social vigente, essa então se constituía a única forma de garantir a sobrevivência em uma cidade de poucas oportunidades. Os campos e os motores de agave foram em Cubati, mais do que uma atividade comum, era uma forma de sobrevivência, uma forma de o homem pobre ganhar o dinheiro para que pudesse alimentar seus filhos e prover as suas necessidades mais básicas.

Em Cubati, havia em média seis grandes produtores, de acordo com o Sr. Valdeci Alves⁸. O trabalho no agave era importante tendo em vista que a cada semana os trabalhadores tinha a garantia de ter o dinheiro suficiente para comprar a feira, tendo em vistas, que para assegurar a produtividade, o governo comprava toda a produção. Então, o trabalho no motor, mesmo sendo uma atividade difícil, era uma garantia de sobrevivência.

Esses grandes produtores, durante o período de corta e desfibramento do agave contratavam pessoas que, devido à seca, não tinham mais ocupações em suas propriedades. Os produtores de agave eram os grandes fazendeiros da região que tinham condições de plantar o agave em extensas áreas, tendo em vista que o agave era uma cultura que só se tornaria rentável se fosse produzida em larga escala, ao mesmo tempo em que tinham condições de adquirir as máquinas.

Produzir agave de forma particular era inviável por vários fatores, primeiro porque era precisa maiores áreas de terra, segundo porque o desfibramento das folhas é um trabalho que requer vários trabalhadores, por isso, achava-se melhor trabalhar alugado a trabalhar por conta própria. Cada produtor tinha, em média, em sua propriedade de três a quatro motores,

⁸ Valdeci Alves de Medeiros, 70 anos de idade, começou a trabalhar em campos de agave aos dezoito anos de idade. Entrevista concedida em 27 de Outubro de 2012.

espalhados no interior das plantações, estes eram como pequenas unidades de beneficiamento das folhas.

A partir das narrativas podemos compor imagens do passado, narrativas que contam detalhes de como era viver no motor, de como era deixar sua casa e passar a viver no meio do mato, dormindo, comendo e vivendo longe de sua casa, criando novos laços de sociabilidade, laços que se desenhavam com pessoas desconhecidas e que depois se tornavam quase da família.

Amizades que se constituíam como novas formas de convivência, viver no motor era viver com outras pessoas, outros rostos, outras relações. “Era mermo uma família”, relata dona Hélia⁹, ao falar do dia inteiro que passava trabalhando. Ela fala com orgulho dos mais de trinta anos em que foi desfibradeira e cambiteira, e junto com seus filhos ganhava o dinheiro para sustentar a casa, uma casa, que fugia dos padrões convencionais da época. A narradora era mãe solteira, mas não nega isso, fala com orgulho de como conseguiu criar os filhos, “Foi eu e Deus”.

E botei meus filhos tudim pra trabalhar. O povo reclamava, porque eles era muito novo, mas eu digo, mais vai trabalhar comigo também. O meu mais velho com doze anos, e outro com nove anos já amarravam eles já amarrava agave pra um motor, acredita? Era eles cortando agave com meu irmão e eu trabalhando também [...] Era o tempo que a gente num passava muita precisão¹⁰.

A narrativa de dona Hélia, percorre o cotidiano de forma livre, seu depoimento passa por caminhos em que sua vida se confunde com a vida dos companheiros do trabalho. Uma mulher que, fala com orgulho dos mais de trinta anos de trabalho, e que diz que ainda hoje tinha vontade de trabalhar em motor de agave. Dona Hélia acabou por criar seus filhos naquele ambiente, acabou por fazer do motor a sua segunda casa. Ao narrar suas memórias, ela, conta como eram feitas as comidas, como era o cotidiano naquele ambiente, onde eram forjados novos laços de convivência.

A gente vivia junto com os candango do motor, é mermo uma família, lá tudo era uma coisa só, uma panela do tamanho do mundo [...] a gente chegava com o feijão, catava e jogava dentro, nem lavar num lavava (risos), mas eu nun tenho raiva de motor de agave não, estendia fibra, o tempo mais ruim é quando tá chovendo.

⁹ Maria Hélia de Sousa, 60 anos, foi durante mais de trinta anos desfibradeira nos motores de agave de Cubati, quando a produção entrou em declínio, ela conta que “arrancou” toco, e depois teve que ir para outras cidades, trabalhar em casa de família.

¹⁰ Maria Hélia de Sousa, entrevista concedida em 27 de Outubro de 2012.

O preparo dos alimentos começava cedo, antes mesmo de iniciar o trabalho, faziam café e já colocavam o feijão com pedaços de carne para cozinhar. Para que pudessem cuidar da alimentação eram improvisados trempes, feitas de pedras encontradas no derredor. Cada um contribuía com o que podia o importante era que ajudasse com alguma coisa na alimentação dos demais, uns traziam café, outros açúcar, outros rapadura, feijão e miúdos de boi. As refeições eram partilhadas em comum, o horário das refeições, além de ser um momento de descanso era também um momento de divertimento, de conversa.

As refeições eram, geralmente, feitas em lugares improvisados, debaixo das árvores ou mesmo nas “latadas”, onde eram instalados os motores, encostados às máquinas. O Sr. Valdeci Alves¹¹, ao falar das refeições no motor de agave, diz que os amigos traziam as coisas e:

Nóis juntava tudo numa panela, um bota um pedaço, outro bota outro, outro bota outro, bota tudo numa panela só e cozinha pra todo mundo, uns miúdo de boi, essas coisas..., e conclui é a comida melhor do mundo.

Em regra geral, o trabalho era de dez a doze horas diárias. Para alguns personagens dessa trama, era um trabalho muito sofrido, sobretudo, devido a exaustiva jornada, e os horários irregulares. O dia de trabalho começava cedo, geralmente antes de o sol nascer. Os trabalhadores que moravam na zona urbana saíam de madrugada para os campos, a pé ou de bicicletas, formavam quase que o cortejo em direção à zona rural do município.

O corte das folhas deveria iniciar cedo, aproveitavam-se os primeiros e brandos raios de sol, durante o resto do dia o trabalho era realizado no motor, que era instalado geralmente, debaixo de uma árvore de sombra, como o umbuzeiro ou o cajueiro na falta destas, eram improvisadas barracas, comumente chamadas de latadas. Um espaço em que as máquinas rudimentares de desfibramento dividiam o lugar com homens, mulheres e crianças, pessoas de diferentes realidades que traziam em si o desejo de trabalhar, e com esse trabalho viver. Pessoas que hoje, compõem um quadro de memórias sobre o passado, memórias que nascem individuais e crescem, e amadurecem coletivas.

O trabalho e a rotina diária é uma importante marca da memória coletiva dos trabalhadores. Ao narrar suas memórias sobre o tempo em que trabalhou com o agave em Cubati, o Sr. José Dionísio¹², por exemplo, inicia sua narrativa falando do horário do trabalho. Seu relato é a narrativa de quem passou muitos anos de sua vida dedicados ao trabalho,

¹¹ Valdeci Alves de Medeiros, entrevista concedida em 27 de outubro de 2012.

¹² José Dionísio Sobrinho, 74 anos de idade, foi durante os anos de 1977 e 1978, dono de um pequeno motor de agave, todavia, para ajudar no trabalho e aumentar os lucros, também trabalhou puxando fibra.

narrativa comprometida com o passado, o trabalho é o principal fragmento de seu mosaico de memórias. Ao falar do passado, ele valoriza o trabalho enquanto forma de viver dignamente.

O motor de agave começava de cinco horas. Parava de sete pra um café, onze pra o almoço. Ai três da tarde pra outro café e parava de dezessete, pra largar, e no outro dia a mesma rotina. Mas na segunda, na segunda era feriado de cana, era difícil comparecer um, na sexta só trabaiva até onze hora, mas no sábado tinha o dinheiro da merenda¹³.

Ao falar do cotidiano no trabalho, ele reconstrói o dia a dia, mostrando como era aquela rotina, descrevendo até mesmo os horários em que o trabalho era realizado, ao fazer esse retorno ao passado, ele reconstrói os momentos que marcavam o trabalho, desde o horário em que saía de casa até a noite, passado a segunda, sempre valorizando o fim daquele ciclo: “no sábado tinha o dinheiro da merenda”.

O feriado de cana torna-se um ponto interessante de sua narrativa é que, havia também o divertimento, ou como se diz na região, o “despairecimento” de vida. Segundo o Sr. José Dionísio, “segunda era feirado de cana”, esse feriado de cana seria um dia em que os amigos se reuniam nas bodegas da cidade para beberem aguardente e conversarem, nesse dia ninguém trabalhava, os motores ficavam completamente parados. A reunião de amigos era uma coisa importante, era o momento de dá outros sentidos aquela rotina, uma maneira de fugir da rotina, numa tentativa de (re) inventar o cotidiano. O motor de agave começava de cinco horas. Parava de sete pra um café, onze pra o almoço. Ai três da tarde pra outro café e parava de dezessete, pra largar, e no outro dia a mesma rotina¹⁴.

Essa maneira de começar a narrativa, se dá, sobretudo, por conta da valorização daquela atividade, e da importância de se produzir fibras. O narrador, fala como o trabalho seguia o dia inteiro com pequenas pausas de descanso e para o café, uma rotina que se repetia diariamente.

O fato do trabalho ter início bem cedo está relacionado também ao fato de se querer aumentar a produção das fibras, tendo em vistas que o pagamento era recebido conforme a produção. O patrão procedia ao pagamento de seus trabalhadores a partir da quantidade de quilos de fibra produzidos em cada motor da fazenda; o administrador do motor, por sua vez procedia ao pagamento dos demais trabalhadores. Quanto mais se trabalhava, mais se recebia. Era o pagamento por produção, como era chamado. Percebe-se, a partir das narrativas, que agave alimentava as famílias, pelo menos para esses trabalhadores alugados. O agave cumpria

¹³ José Dionísio Sobrinho, entrevista concedida em 24 de outubro de 2012.

¹⁴ José Dionísio Sobrinho, entrevista concedida em 24 de outubro de 2012.

a sua missão instituída pelo governo e pelos agrônomos que incentivam o seu cultivo no início dos anos 1930, em que apresentavam o agave como salvação da Paraíba.

Para que cada motor de agave pudesse produzir com eficácia era preciso que agregasse cerca de sete trabalhadores, cada um desempenhando uma função, desde o cortador que era responsável por cortar as folhas no campo até os bagaceiros, como o Sr. Mauricio, que deveria recolher o bagaço das folhas do agave, e no lombo do jumento, jogar longe do motor. Os trabalhadores necessários para o funcionamento do motor eram o *bagaceiro*¹⁵, o *cambiteiro*¹⁶, o *cortador*¹⁷, o *fibreiro*¹⁸, o *puxador*¹⁹ e o *virador*²⁰. De todos esses trabalhadores o virador era o mais importante, além de ser uma pessoa que sabia fazer todas as atividades de motor, era também o homem de confiança do patrão, responsável por administrar a produção e realizar o pagamento dos demais no sábado.

O trabalho no motor de agave não podia parar, qualquer pausa acarretaria em prejuízos, tanto para o dono, quanto para os trabalhadores. Quando um trabalhador faltava todo trabalho parava, era impossível trabalhar na falta de um dos homens. Para não parar a produção eram as próprias crianças da família que os substituíam, assim que podiam aguentar a atividade as crianças já acompanhavam seus pais na lida, pois o motor funcionava com um número de trabalhadores, cada um desempenhando uma atividade, o trabalho de cada um era fundamental.

Geralmente desenvolvido por homens, o trabalho no motor de agave era uma atividade que exigia muita disposição e força física. São poucas as mulheres que trabalharam nessa atividade, e quando trabalhavam, eram contratadas como fibreiras, com a finalidade de limpar e estender as fibras sob o sol, um trabalho mais fácil e de pouco esforço. Quando se tinha a necessidade de aumentar a produção, o trabalho era interrompido à tardinha e retomado durante a madrugada, o chamado serão, que era o trabalho noturno, à luz do lampião de gás, o trabalho seguia noite adentro, em meio a conversas, risos e brincadeiras.

O motor não parava, imitava o ritmo do progresso da cidade. Em meio aos imensos campos, era possível visualizar os pequenos facho de luz que iluminavam o trabalho. O Sr. Mauricio fala que era bonito de se ver aquilo, aquelas luzes espalhadas no mundão de agave.

¹⁵ Pessoa responsável por recolher o bagaço do agave, que durante o desfibramento, se acumulavam debaixo das máquinas.

¹⁶ O cambiteiro é o homem, ou mesmo a mulher que carrega com auxílio de um jumento das folhas de agave do campo para o motor.

¹⁷ Homem que corta das folhas de agave.

¹⁸ Homem ou mulher que estendia as fibras de agave.

¹⁹ Homem que desfibrava as folhas do agave, transformando-as em fibras com o auxílio da máquina desfibradeira.

²⁰ Um tipo de administrador do motor de agave.

O senhor, Mauricio Cassimiro²¹, fala dos tempos em que era trabalhador do agave com satisfação. A sua memória faz manifestar narrativas de um tempo bom, de tempos em que o trabalho se constituía numa forma de felicidade, de realização, sentimentos que de certa forma, habitam um sentimento comum: a satisfação de garantir a sobrevivência da família, muitas vezes numerosa. O narrador fala com orgulho de ter, com imenso sacrifício, criado os dez filhos e de ter construído um patrimônio com o dinheiro que ganhava trabalhando no agave.

No desfibramento do agave, isto é, no processo de transformação das folhas em fibras, eram utilizadas diferentes técnicas. Nas grandes propriedades, o processo era feito através da desfibradeira, uma máquina que funcionava a gás e era operacionalizada por um grupo de homens. Existiam também as pequenas unidades de produção em pequenas propriedades, geralmente pertencentes a agricultores donos de poucas plantas, onde o desfibramento era realizado de maneira manual, através de uma máquina movida por uma manivela. Essas eram raramente encontradas, tendo em vista que seria mais rentável trabalhar para os grandes donos de motor. As essas pequenas unidades de desfibramento só vieram a ganhar espaço com o declínio da produção, por volta da década de 1970.

Ao narrarem suas experiências de vida, esses trabalhadores falam de um trabalho cansativo e difícil, porém necessário, trabalho que atendia às necessidades básicas do dia-a-dia. Era a única forma de chegar o dia de sábado, e receber do patrão o dinheiro para se fazer a feira e alimentar os filhos. Feira que muitas vezes consistia em apenas feijão, café e rapadura, mas que davam ao trabalhador uma satisfação, satisfação que se manifesta nas suas narrativas em contar da forma com que conseguia suprir as necessidades da casa.

O trabalho com o agave seguia quase que um ritual, repetindo-se diariamente. Após o desfibramento das folhas do agave, atividade executada pelos puxadores (geralmente dois por motor), que comandavam todo o processo de produção e realizavam com o auxílio das máquinas o desfibramento das folhas, transformando-as em fibras, que eram secadas ao sol e juntas em grandes feixes ou fardos. Junto dos puxadores, os bagaceiros, retiravam o bagaço das folhas. Mas a atividade dos bagaceiros, não se resumia em recolher o bagaço, o Sr. Mauricio conta que era obrigação do bagaceiro, ainda, pesar as fibras verdes e abastecer o motor com água.

²¹ Mauricio Cassimiro de Oliveira, 74 anos de idade, foi durante muito ano trabalhador nos motores de agave de Cubati, durante o tempo em que trabalhou nessa atividade foi bagaceiro, considerado um dos trabalhos mais difíceis e cansativos do motor, o bagaceiro tinha a função de recolher todo o bagaço que sobrava das folhas de agave que se amontoavam no motor. Entrevista realizada em Cubati, em outubro de 2012.

A última atividade, antes da venda das fibras, era lavá-las e estendê-las ao sol para que secassem e fossem pesadas para a venda, a lavagem das fibras geralmente era realizada por mulheres e crianças, esse trabalho era feito pelas mulheres por ser, uma atividade que exigiria do sujeito menos esforço físico, e por outro lado, essas mulheres e crianças ocupavam-se também de, durante a secagem das fibras, limpavam os bagaços que restavam das folhar.

O ciclo do agave marcou muitas vidas, transformou a realidade de homens e mulheres, modificou não só o cotidiano, mas também as relações familiares. Como, por exemplo, com o fim da produção, a ida de muitos filhos de agricultores para as regiões sul e sudeste do Brasil. Mas o agave também marcava os corpos, uma coisa que marcou a vida das pessoas que trabalhavam diretamente com as folhas e as fibras do agave eram os ferimentos constantes, os cortes nas mãos e as inflamações que atingiam a carne debaixo das unhas.

Mas o agave também produziu marcas na subjetividade, fez com que homens e mulheres sentissem orgulho de seu trabalho. Imagens do passado, reconstruídas pela memória revelam essas marcas.



Imagem 4

**Carregamento de agave, em 1972, o trabalho que transformou a realidade da cidade e de seus habitantes, era também motivo de orgulho para homens pobres.
(Fonte: Dona Preta de Gabriel)**

A folha do agave produz uma substância que corta a pele, comumente os trabalhadores tinham que trabalhar com as mãos enroladas em panos para evitar a perda de sangue, e dar continuidade ao trabalho. Em outras vezes buscavam no mato, as cigarras mortas, cigarras são insetos da caatinga que se forma em espécies de casulos, quando essas morrem, as “capas”

como chamam os agricultores tem a mesma medida dos dedos das mãos, por isso elas eram recolhidas para cobrir os dedos feridos e permitir que os trabalhadores prosseguissem com a atividade.

O motor de agave, no sentido que tinha para o dono do campo de agave, consiste em uma máquina movida a óleo diesel, que “rasgava” as folhas do agave, transformando-as em fibras, para que isso acontecesse era preciso que puxador, inserisse as folhas na máquina e, puxando-a novamente a inserisse mais uma vez, para que, a fibra pudesse sair mais fina. O movimento era feito repetidas vezes. Por ser um movimento repetitivo, fazia com alguns acidentes pudessem acontecer, não raramente, pessoas tinham suas mãos e seus dedos mutilados. Todo o trabalho com agave era perigoso, desde a corta das folhas até o desfibramento.



Imagem 5

Após passar pela desfibradeira o agave torna-se fibra, a fibra dourada que tantos sonhos alimentou, a imagem traduz um sentimento de alegria familiar, alegria de conseguir, com muito trabalho, o dinheiro que possibilitaria o sustento da família.

(Fonte: Acervo Pessoal)

Homens com forças exauridas pelas cansativas rotinas de trabalho e o movimento repetitivo do desfibramento fazia com que a máquina puxasse rapidamente a folha, trazendo, rapidamente, a mão do puxador para a engrenagem. Era preciso ser hábil para vencer a força da desfibradeira. Algumas pessoas entrevistadas, ao relatarem suas memórias, dos dias do trabalho, falam do medo constante de trabalhar na desfibradeira, do perigo que consistia em puxar agave.

Sobre os ferimentos causados pelo agave o Sr. Mauricio fala daquilo como se fosse uma coisa normal. E realmente era, era comum as pessoas se encontrarem feridas pelas folhas do agave. Ao recordar isso, mostra as mãos, marcadas pelo trabalho. Mãos marcadas de calos, mãos que são como que pinturas desenhadas pelo tempo. E, mostrando as mãos ele fala de quando era preciso “enrolar as mãos com um pano velho”, para poder continuar o trabalho. “As mãos só era sangue. Porque o agave come né! Eu ia enrolava os panos, dava aquele nó. Ainda me lembro disso, parece que foi hoje”²². Muito presente entre os entrevistados era também o medo, medo de ter seus membros, braços e mãos, decepados pela desfibradeira²³.

Mas não foi só ele que recordou isso, em sua narrativa, o Sr. José Dionísio, também falou dos estragos que o agave fazia nas mãos dos trabalhadores, dos ferimentos constantes que surgiam, além disso, devido ao trabalho repetitivo, sobretudo, no caso dos puxadores, as articulações inflamavam e inchavam com constância: “As junta da gente, ficava aqueles bolo, bem inchado”. Trabalhar nos motores de agave implicava trazer em si marcas no corpo e na alma.

Um trabalho que marca. Marcas sensíveis, mas também marcas físicas. O trabalho marcou não só os corpos, mas, marcou também a existências dessas pessoas, trabalho, que para os trabalhadores, não viria a enriquecer, mas para garantir a sobrevivência. E talvez por isso seja uma lembrança guardada com tanto cuidado, habitada pela saudade. O sangue que jorrava das mãos feridas imprimia em suas vidas novas sensibilidades. O trabalho no agave construiu vidas, gestou sonhos e alimentou esperanças de homens e mulheres comuns, sonhos que se constituíam em cuidar da família e fornecer a ela as mínimas condições de sobrevivência. Só isso, o trabalho com o agave proporcionou; a sobrevivência de inúmeras pessoas, a construção de sonhos, que fizeram com que a vida fosse uma realidade.

Ao perguntar se o trabalho no motor era ruim, seu Mauricio responde rapidamente que era ruim, era cansativo, era muito ruim, mas era a única maneira de ganhar dinheiro, pois, não

²² Mauricio Cassimiro de Oliveira, entrevista concedida em Cubati, 23 de outubro de 2012.

²³ Em Cubati existem várias pessoas que tiveram seus membros decepados pela desfibradeira, contudo, para essa pesquisa essas pessoas não foram entrevistadas.

tinha propriedade pra plantar e nem dinheiro para comprar animais. Para ele, era bom, pois era como se conseguia viver. Através de sua narrativa, ele percorre os dias em que se dedicava ao árduo trabalho. Alimentando-se de forma precária e ganhando o suficiente para sobreviver, o trabalho com agave era a única forma de sobreviver àqueles tempos de dificuldades.

Percebemos que em sua grande maioria os narradores ao começarem a narrar suas memórias partem de um ponto em comum: o trabalho, a rotina e as dificuldades enfrentadas, mas, sobretudo da alegria em poder receber toda a semana o suficiente para sobreviver com a família. Suas narrativas parecem perpassar todas as dificuldades encontradas e se fundamentar em aspectos que garantiriam a sobrevivência e a vida digna. Ou seja, o caminho percorrido por entre as narrativas é um caminho que busca um sentido, mesmo se perdendo em meio a ceara de lembranças, o narrador sempre retorna a seu caminho que é a conquista do pouco dinheiro que recebiam, mas que possibilitava viver e criar os filhos em um contexto totalmente adverso.

A memória é um fenômeno coletivo, de guardar e integrar sentimentos e imagens do passado, e que reforça o pertencimento de uma coletividade. Isso explica porque os narradores que colaboram com nossa pesquisa, geralmente, repetem as falas, estabelecem pequenos detalhes nas suas falas.

Nesse sentido, há uma relação entre a narrativa do Sr. José Dionísio e o depoimento do Sr. Mauricio Cassimiro, sua narrativa, como o dia do trabalho, começa cedo, ele fala que o trabalho tinha início ainda às quatro horas da manhã, ele mesmo, saía de sua casa nesse horário para que o trabalho pudesse se prolongar até o meio dia, geralmente com uma pausa na metade da manhã para alimentação. O trabalho recomeçava logo em seguida, muitas vezes com as mãos feridas e o corpo cansado, o corpo pedia descanso, mas, era preciso trabalhar, era preciso fazer o motor funcionar, moer as folhas, alimentar sonhos.

O próximo capítulo é uma tentativa em perceber e problematizar as marcas do tempo na vida dos personagens dessa pesquisa, analisamos a saudade como sentimento recorrente nas narrativas.

Capítulo III

AS MARCAS DO TEMPO: A SAUDADE DOS TEMPOS DE ANTIGAMENTE

“Não gosto da palavra acostumada”

(Manoel de Barros)

3. 1 – A MEMÓRIA E SUAS MARCAS: (RE) PENSANDO OS CAMINHOS DA MEMÓRIA

O tempo produz em nós marcas e estigmas que se transformam em subjetividades. Talvez por isso, percebemos que há uma grande preocupação de preservar o passado, de aprisionarmos o tempo e manipulá-lo. Temos o pressentimento de estarmos vivendo o império da memória (SEIXAS. 2004, p, 37), onde a memória deixa de ser elemento segregado e passa a ser elemento fundante de novas perspectivas historiográficas, compondo um grande acervo de pesquisas e reflexões dentro da historiografia contemporânea. Nesse contexto, surgem diferentes abordagens, como a memória étnica, a memória das mulheres, dos movimentos sociais, etc.

A memória é uma construção subjetiva do presente que busca através das recordações pessoais pistas do passado, geralmente o seu objetivo é um só: construir uma rede de narrativas, através da lembrança dos resquícios do passado, articulando a experiência com o tempo vivido. A lembrança é apenas um ponto de vista sobre o que se passou, podendo variar de acordo com a pessoa, a ocasião e a temporalidade. É preciso entender que lembrança não é totalizante, a recordação é olhar sobre o passado, e nunca olhamos a mesma coisa da mesma forma, ou a partir das mesmas referências. O nosso olhar é modificado sempre, passa por uma metamorfose cotidiana.

A memória, e suas variadas faces, tem proporcionado aos pesquisadores perspectivas de pesquisa, que revelam a sua capacidade criadora, a sua virtualidade. Regina Beatriz G. Neto (2006) em sua pesquisa sobre memória de mineradores torna-se uma das abordagens mais importantes na área, torna-se bastante interessante, não só pela discussão, mas pelo rigor teórico que apresenta, mostrando que a memória é uma ceara aberta para o campo da História. Ao discutir a questão da memória na constituição das cidades habitadas pelos mineradores do Mato Grosso na primeira metade do século XX, Guimarães Neto busca nas histórias de vidas, narrativas sobre o processo de surgimento dos primeiros povoados e cidades mineiras. A autora não busca uma unidade da memória, mas lembranças que perpassam olhares sobre a multiplicidade do tempo, a autora diz que:

As recordações não são meras exposições da memória, mas um olhar que atravessa o tempo múltiplo, um olhar que reconstrói, decifra, revela e permite a passagem de um tempo a outro e, especialmente, trazem possibilidade de atualização do passado no presente. Mas, sobretudo, revela a possibilidade e compreender o passado (2006. p, 48).

A memória expõe-se pela narrativa – embora possa assumir outras formas, a exemplo da escrita, concretizada nas autobiografias, nos diários, cartas, etc. É através dela que o indivíduo operacionaliza as suas lembranças, tece uma colcha de retalhos do passado, com os fios do presente, a construção dessa colcha segue articulando tudo aquilo que vem a sua mente e, através de uma criação quase que artística, ele cria histórias, compõe uma escrita de si. Todavia, essa narrativa não é e nem pretende ser uma verdade, a memória pode escolher, distorcer e até mesmo fantasiar o passado. A potencialidade da memória não está nas verdades que expõe ou oculta, mas nas trilhas que cria para contar sobre o passado, pela sua virtualidade.

Como acredita o filósofo francês Gilles Deleuze (1999), a virtualidade nos surpreende com a sua capacidade de se renovar, de criar novas possibilidades. Enredos que hora se entrecruzam, ora divergem completamente, enredos que criam na mente do pesquisador uma inquietude diante do narrador, do narrador que dança, gesticula palavras, que brinca com linguagem, subvertendo a lógica de seu ouvinte. A memória não segue uma linearidade, ela é como uma novidade do pensamento, que remexe as imagens consolidadas do tempo, imagens que dançam, que cantam e que desafiam o hermenêuta e o coloca no desconforto, diante da impossibilidade de domar o outro, de domar a sua linguagem. A memória nos faz pensar outros caminhos, outras marcas da existência.

A narrativa memorialística é uma forma de contar, de mostrar a experiência vivida, é a transmissão de experiências, e nisto consiste o seu valor. Segundo Gallian (*apud* SANTHIAGO, 2008); “O valor da memória não está naquilo que o narrador possa esclarecer informar (...) mas antes naquilo que ele pode transmitir como experiência vivida e revivida, como realidade subjetiva e única, como sabedoria, como ‘aura’” (p, 38).

Não há objetividades nos trabalhos concebidos a partir das memórias. Seria engano postular uma verdade sobre as pesquisas que buscam fundamentos nas lembranças dos indivíduos. Seria mais justo falar que a memória é uma leitura do passado, leitura carregada de interpretações, atravessada por subjetividades, intencionalidades. Segundo Seixas (*op. cit.* p, 47) “A memória é, portanto algo que ‘atravessa’, que ‘vence obstáculos’, que ‘emerge’, que irrompe: os sentimentos associados a este percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes”. Isso leva a pensar que a memória é um caminho não traçado, e sim um trajeto possível de várias interpretações que muitas vezes podem ser habitados por ambiguidades.

O tempo é recortado pelas atividades e pelas peripécias metodológicas do historiador. A historiografia recorta, seleciona, viola as memórias, sejam elas individuais ou coletivas. O historiador invade o território das memórias e as (de) codifica através de seus mecanismos

técnicos e metodológicos, a exemplo da história oral, que busca através da oralidade criar arquivos para o uso do historiador. Esta é uma prática que tem passado por uma ampla discussão, e vem se tornando cada vez mais aceita na pesquisa histórica, aceitação manifestada nos trabalhos que surgem no cenário nacional e internacional.

Expressa através das narrativas, a memória é registro ressignificado de experiências vividas; é criação, é uma arte do sujeito que busca no passado fundamentos para a sua narrativa. Neste sentido, a memória será aqui entendida como um mero registro, um arquivo, pois entendemos que ela é subjetiva e, que atende as necessidades do presente, às inquietações do agora, passa por uma (re) leitura. A memória não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou inscrevê-las num registro. Carrega ela uma fugacidade extraordinária, uma imensa capacidade de movimentar-se, de se reinventar.

É essa *fugacidade extraordinária*, que está presente nas narrativas orais e que fascina o pesquisador, que causa estranheza, inquietação. Diante das sensibilidades do sujeito é que se desenham novas formas de narrar-se. Narrar-se no sentido de criar caminhos alternativos na construção da memória. Caminhos, que convergem e que divergem, mas que em comum, narram as experiências de si. Mesmo que a memória parta de uma dimensão individual ela está atrelada ao grupo social e à coletividade, como pensou Maurice Halbwachs ao elaborar uma sociologia da memória (1990).

A narrativa do sujeito é algo sutil, porém violenta, derruba barreiras e constrói muros, portanto, ela não é algo passível de qualquer manipulação. Na pesquisa, a manipulação se dá na forma com que escrevemos sobre ela, no momento em que fazemos a nossa “*operação historiográfica*” como pensa Michel de Certeau (2011a), a memória por si só é incontrolável. É uma bailarina charmosa que ensaia passos, mas na hora de sua atuação, surpreende e, cria performances surpreendentes, desafia os que criam expectativas diante dela.

Ela corta, seleciona. É uma atividade artística que desloca lembranças, que estando oculta pode manifestar-se, pode instaurar novos lugares de enunciação. A narrativa, em sua atuação também surpreendeu Ecléa Bosi, que ao estudar a memória dos idosos na cidade de São Paulo, a autora, viu-se envolvida por lembranças, por desenhos de vida que a fascinaram e a fizeram ter uma nova percepção da memória dos velhos, ela mesma em sua escrita, transparece o fascínio diante das surpresas da memória e das artimanhas que a envolvem, Bosi, afirma que;

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra,

“desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI. 1994. p. 47).

Em sua leveza, a narrativa é como um vento forte, revira o que encontra, revira a nossa subjetividade, as nossas concepções teóricas mais sólidas, a sua manifestação revira aquilo que nos parece estático. A memória, como uma imagem traz para o cenário do presente, os restos, os fragmentos, as partes do passado. É preciso muitas vezes fechar os olhos diante da ventania da memória, e apenas sentirmos a sua presença, vento que afaga, mas também, vento que fere e que com sua força arranha, racha a nossa vida.

A narrativa passa por um exercício poético, uma atividade de tessitura de lembranças, afetos e esquecimentos. Como um artesão, o narrador cria, desfaz e recria pacientemente, uma obra, não obedece a outros, mas é autônomo, um sujeito criador. Seu produto final é fruto de uma ação, de uma atividade, memória é trabalho.

3. 2 – SENSIBILIDADES NA VIDA, VIDA DE SENSIBILIDADES: A SAUDADE DOS “TEMPOS DE ANTIGAMENTE”

As sensibilidades fazem parte de nossa vida, e suas nossas vidas fazem parte de sensibilidades, formas de ver, sentir e está no mundo. Nossa vida está marcada por espaços sensíveis, o historiador, mesmo em sua labuta diária, na sua atividade de sacralizar a memória é dotado de uma sensibilidade que o faz recortar, selecionar e escrever o tempo e sobre o tempo. Escreve a historiadora Sandra Pesavento (2012);

Às sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos, que obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais. As sensibilidades são uma forma do *ser* no mundo e de *estar* no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada (p, 1).

Pensar as memórias e as sensibilidades dos homens é até certo sentido, desafiar os limites do conhecimento, tendo em vista que se trata de uma perspectiva cognitiva, que não conhece a objetividade. Nesse sentido, pensar as sensibilidades é se desnudar da idéia de um conhecimento científico, cartesiano. Tornar a História um conhecimento além do científico é

antes de tudo uma forma de entender os acontecimentos, as experiências, os sujeitos, percorrer caminhos tortuosos e muitas vezes nunca antes percorridos. A História das Sensibilidades busca se aventurar nessa trajetória, busca adentrar nos mais limites mais íntimos dos ser humano. Esse conhecimento acaba possibilitando novos olhares sobre a temporalidade e sobre a elaboração das memórias individuais ou grupais.

Quando eram realizados os serrões, o trabalho noturno, começava à meia noite e entrava pela madrugada, não se resumia a puxar fibras, as palestras, eram conversas marcadas pela alegria, pelo riso, pelo divertimento. Conversas que adentravam a noite inteira, quando não havia a presença das mulheres, essas palestras iam de conversas sobre o dia-a-dia, até os chamados “palavrões”, tudo com o intuito de divertir, de dobrar, de modificar a realidade. De acordo com o depoimento do Sr. José Dionísio²⁴: “Era tudo era uma brincadeira, era uma zuada danada”.

Narrativas que, de certa forma, envolvem a vida pessoal e o trabalho, compõem um diálogo íntimo e sensível.

Mas voltemos às narrativas de outro personagem de nossa história, o Sr. Mauricio. A narrativa do Sr. Mauricio²⁵ percorre diferentes caminhos, ora ele fala dos tempos em que trabalhava no motor, em outros, transparece momentos de extrema intimidade, como a relação com o pai da moça da qual era apaixonado, de como conseguiu conhecê-lo a deixá-la casar com ele. Lembra-se do filho que foi embora, vislumbrado pelas promessas dos sul maravilha. Mas ele volta ao trabalho, e, erguendo as mãos aos céus retoma sua narrativa. Mesmo quando fala dos dias em que se “virava” a noite no trabalho, sua narrativa é de uma pessoa que olha para o passado com saudade e alegria, em meio a risos. Seu Mauricio, diz que o trabalho durante a madrugada;

Era pra aumentar a produção. Nós conversava, era uma festa, uma palestra danada, era o motor véi zuando e a gente (risos) e nós tudo trabalhando. Tudo contente. Nessa época nun tinha doença, num tinha ladrão, a gente saia de casa de madrugada [...] Eu achava era bom, a gente trabalhava muito, mais ganhava mais²⁶.

A narrativa de seu Mauricio revela uma percepção sensível do passado, sua memória traz para o presente não só as imagens do trabalho difícil e das privações das quais passava, ele se lembra de momentos que se constituíam como uma diversão ou com um passa tempo,

²⁴ José Dionísio Sobrinho, entrevista concedida em 24 de outubro de 2012.

²⁵ Mauricio Cassimiro de Oliveira, entrevista concedida em 23 de outubro de 2012.

²⁶ Mauricio Cassimiro de Oliveira, entrevista concedida em 23 de outubro de 2012.

diante do trabalho. Mesmo, em um ritmo, superior as suas forças do corpo havia momentos de alegria, durante a noite, no serão; o trabalho no motor podia ser também uma diversão. “Era uma festa, uma palestra danada”. Uma festa, porque permitia o encontro de um grupo de amigos e mesmo de familiares; festa porque reunia homens e mulheres com vidas comuns, existências singulares, pessoas que trabalhavam com cansaço imenso, mas sabiam que ao final de semana poderiam prover as necessidades.

A memória é uma atividade do sujeito, marcada pela seletividade e por sensibilidades que moldam a forma com que a narrativa se conduz. Lembrar não é fazer um resgate objetivo do passado. O passado é lembrado a partir de um olhar do presente; nessa atividade são incorporadas experiências de diferentes perspectivas que vão sendo estabelecidas de acordo com uma operação de selecionamento de fatos e momentos. Recordar é selecionar, é estabelecer limites entre o passado e a recordação. Mas, a memória é também uma expressão da subjetividade.

Somos seres de memória, vivemos alimentando imagens do passado. Não conseguimos nos desprender do tempo. Sobre essa relação entre a memória e a subjetividade, podemos entender que;

Por sermos seres de memória, por lembrarmos, mantemos com o tempo uma relação particular, uma relação não apenas racional, mas sensível, não apenas objetiva, mas subjetiva, uma relação marcada pela aceitação e pela repulsa. Às vezes ansiamos pela passagem do tempo, às vezes queremos detê-lo, imortalizá-lo no cristal de uma fugidia reminiscência (ALBUQUERQUE JR., 2006. p, 117-118).

Retomando o trecho do depoimento do Sr. Mauricio, podemos perceber que em sua narrativa é uma expressão de saudade. Durante o seu depoimento, o narrador fala inúmeras vezes que aquele tempo era bom demais, a saudade compõe as suas lembranças. Mais do que as palavras, os gestos daquele pequeno homem falam de sua saudade dos “tempos de antigamente”. Durante a sua narrativa, ele levantava as mãos aos céus, como se desejasse impedir a fugacidade traiçoeira do tempo. Seus gestos parecem de alguém que procura algo, um fio de lembranças quem sabe (?). Enxugava os olhos com as mãos calejadas. Silenciava... Respirava fundo e, voltava a falar do seu passado, de como conseguiu conquistar a mulher amada, de como conseguiu comprar a primeira casa. As suas fala de saudade passam sempre pelo trabalho com agave.

Após a análise da entrevista, é possível identificar um apego ao tempo, certa empatia com o passado. A sua narrativa é um retorno ao passado, retorno marcado por um sentimento

de afeição com o tempo. Sua fala é uma narrativa saudosista do passado. Mas o que seria a saudade? Seria ela capaz de compor a história?

A saudade é um sentimento universal, todos nós choramos, pensamos e sorrimos com a saudade, ela é um sentimento que não nos deixa e, assim como a memória, luta contra o esquecimento. Saudades da infância, saudade do pai, da mãe, saudade de um grande amor, e até saudade de nós mesmos, daquilo que fomos um dia e hoje deixamos de ser.

A saudade, pois, é um sentimento inerente ao humano, habita sua alma e atormenta sua existência. A saudade é um sentimento habita a existência de seres incompletos, de homens e mulheres que acreditam que alguma coisa lhes foi triturada pelo tempo, faz falta, causa um vazio. É essa saudade que habita a narrativa de homens como o Sr. Mauricio; sua fala transparece saudades, sentimentos.

Tomou-se um comum isolar a saudade dentre aquelas características mais ou menos salientemente originais da nossa cultura. Para que possamos entender a saudade dentro das perspectivas que abarcam a memória e as narrativas, é necessário defini-la enquanto modo de ver, que se dirige a pessoas, a lugares ou à própria história. A sua principal característica é ser uma *maneira de sentir* que atribui significados as experiências e aos eventos, de acordo com uma concepção descontínua do tempo. O que se *valoriza*, então, é o passado à custa do presente e, de certo modo perverso, mas coerente, o presente à custa do futuro. A saudade é um movimento do presente, em busca de imagens do passado.

O sentimento da saudade impõe uma atitude em relação ao passado, trata-se de uma busca por torná-lo vivo no presente de forma que sua experiência se coloque na textura da vida contemporânea. Configura-se como um caminho que conduz do presente ao passado, é uma forma específica de acessar o pretérito. Pode ser compreendido como resultado de uma angústia diante de uma nova percepção da passagem do tempo. Neste contexto, os resquícios do passado se tornam elementos referenciais para o presente, capazes de ressignificar a realidade incômoda. A saudade coloca o passado e o presente em uma íntima relação. Esta relação, ainda que seja “conflituosa”, não pode ser entendida como uma ruptura, pois o passado decorrido guarda uma proximidade com o presente.

A saudade, assim como a história, é uma luta incessante contra as armadilhas do esquecimento. Ela luta contra a fugacidade do tempo. Se o tempo seria, então, um fluir contínuo, a saudade seria uma tentativa de retornar, de resgatar imagens, sons, sentimentos do passado. Mas a saudade não é um sentimento vago, ou comum, é um sentimento que é produto de uma sensibilidade, de uma relação entre o ser e o tempo, na busca de um retorno.

Ao lançar-se ao desafio de pesquisar sobre as sensibilidades, o historiador ALBUQUERQUE JR. (2006), discorre sobre a saudade enquanto sentimento que traz em si uma historicidade;

A saudade é uma felicidade triste que nasce do encontro fugidio com uma lembrança, é o prazer nascido do fugaz contato com um objeto de desejo que se torna presente por instantes, mas que já vem com o perfume de sua morte anunciada, de seu retorno ao tempo do qual emergiu. A saudade é o experimentar de um gosto que traz desgosto eminente [...] (p, 120-121).

Seguindo as trilhas das memórias e das nas narrativas orais dos idosos, tivemos a oportunidade de encontrarmos uma pequena e franzina mulher, uma senhora que traz em seu corpo as marcas da vida. Uma mulher, um texto que desperta múltiplas interpretações. A história dessa mulher tem, em si, peculiaridades; suas narrativas surpreendem a qualquer um que espera dela uma fala marcada pelos ressentimentos, quando pensamos em palavras de mágoa, ódio, nos deparamos com uma narrativa que volta ao passado não para buscar os ressentimentos, não para buscar as traições do marido, das amigas e mesmo da vida. A sua fala volta ao passado para falar de um tempo bom, tempo que hoje desperta saudade.

Dona Rita Francisca de Castro²⁷, setenta anos de idade, quando ainda jovem, com seis filhos, separou-se do marido e passou a criar os filhos e sustentar a casa sozinha. Por seu histórico de vida, todos na cidade conhecem D. Rita, basta falar o seu nome, que as pessoas já falam de sua vida, de suas desventuras e acima de tudo de sua alegria, de seu gosto em conversar e contar as histórias do passado. A memória não é só dela, faz parte de uma coletividade, tornou-se uma memória coletiva, como propõe Maurice Halbwachs (1990).

As falas de D. Rita mesclam elementos do passado com angústias do presente, a partir de uma empatia criada entre a colaboradora e o pesquisador, foi possível entender quais os motivos que levam aquela pequena senhora a falar do passado com tanta saudade, sentimentos que desenham imagens de um tempo em que, mesmo com dificuldades vivia-se bem, vivia-se trabalhando, criando os filhos e vivendo em grupos de pessoas que assim como relatou D. Hélia, remodelavam laços de sociabilidade.

Ao reconstruir as imagens do passado, D. Rita começa a falar na idade com que começou a trabalhar na agricultura, até quando passou a ser uma trabalhadora alugada do motor de agave, seguindo as trilhas da narrativa, revela a sua percepção do trabalho, palavras recobertas de saudades, palavras revestidas de significados.

²⁷ Rita Francisca de Castro, 70 anos, entrevista concedida em 29/10/2012.

Narra Dona Rita;

Eu comecei com a idade de doze anos, primeiro no cabo da enxada, depois fui trabaia no motor de agave, porque naquele tempo a gente trabaia viú? Sofria muito, mais era bom. E depois do cabo da enxada eu comecei a trabaia no motor de agave. Trabaiei muitos anos no motor de agave. E foi aonde eu ganhava dinheiro, e eu achava muito bom. Quando era no sábado eu tinha meu dinheiro e ainda ajuntava uma coisinha²⁸.

É comum as pessoas que conhecem a sua história conformarem e reforçarem a sua versão. Muitos sabem de sua história, as pessoas reforçam sempre a sua narrativa. Trabalhar pra ela é um motivo de orgulho, ao falar do passado a fala de D. Rita se mistura com risos, alegres expressões de seu corpo, mas o sorriso mistura-se com gestos de saudade, com silenciamentos, silêncios que nada falam, mas muito dizem sobre a saudade daqueles tempos de trabalho.

Depois de narrar a sua juventude e sobre como começou a trabalhar, da alegria em ter como criar seus filhos sem depender do marido, a narradora começa a falar sobre a hora em que saía de casa para trabalhar, em meio a risos e a interrupções contínuas, – “Ah meu Deus, era muito bom” – ela fala de quando seguia a pé, e sozinha pelas estradas da cidade, ela fala que naquele tempo era muito bom, pois não tinha nenhum “caba ruim que fizesse o mal, nem pra perseguir a gente”, hoje, segundo ela, “num é mais de confiança você sair sozinha no méi do mundo não”.

Eu chegava no motor de agave de três horas da madrugada. Teve dia de eu sair de uma hora ou duas, botava a peicheirinha nos quarto. Saia no méi do mundo com meus meninos tudo pequeno. Eu saia todo dia, todo dia. Quando eu chegava lá eles iam virando o motor, aí eu encostava pra trabaia na fibra, e tirava bagaço, fazendo de tudo²⁹.

O trabalho, como já pode ser entendido nas páginas anteriores, seguia o dia inteiro. D. Rita não era só desfibradeira, era também a mulher que abastecia o motor com água, era a mulher que apanhava o bagaço, era também a mulher de confiança do patrão. Sua narrativa é inquieta, buliçosa, percorre caminhos inesperados, mas na sua fala está sempre a saudade do tempo em que podia ter seus filhos tudo juntinho. Ao tempo todo, ela confia os percalços que cada um vive hoje, essas falas, revelam que hoje; diferente de quando eram crianças, a vida era melhor, com dificuldades, mas, sem problemas.

²⁸ Rita Francisca de Castro, entrevista concedida em 29/10/2012.

²⁹ Rita Francisca de Castro, entrevista concedida em 29/10/2012.

A sua narrativa é toda uma vida, é sentimento, como o fio de Ariadne, o fio da memória nos ajuda a encontrarmos caminhos. A memória está dotada de seleções, recortes, e de sentimentos, sentimentos construídos, e, que se entrelaçam com as vivências pessoais, que criam uma afetividade com o tempo, e que, fazem de sua narrativa uma oração, uma confissão.

Dona Rita, Seu Mauricio, Seu José Dionísio, Dona Hélia e Seu Valdeci Alves, homens e mulheres que compartilham histórias, compartilham memórias que são individuais e através de uma dinâmica, tornam-se coletivas. Personagens anônimos de um período de pujança econômica, tempo de gestação de sonhos. O agave construiu sonhos, que se confundiam com a sobrevivência das famílias e o crescimento econômico da cidade. Ao narrarem suas memórias esses sujeitos vinculam as suas lembranças sensibilidades, formas de perceber o passado. Sensibilidades construídas historicamente a partir de um processo seletivo das memórias, um trabalho de ajuntamento de pedaços fragmentados do passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A atividade do historiador pode ser elucidada a partir do poema de João Cabral de Melo Neto, em seu poema “*O Profissional da Memória*” o poeta pernambucano cria um personagem que possui um curioso instrumento que funciona como uma vacina, esta injeta lembranças, para que no momento futuro possa-se voltar a habitá-las.

Mas o instrumento perde sua eficácia, a não convivência com o passado, portanto o distanciamento com a experiência faz com que essas memórias “injetadas” vão perdendo a sua imagem, e como uma fotografia antiga, a imagem vá perdendo sua cor, seu brilho até chegar ao vazio... O vazio da imagem, o vazio do passado.

A narrativa é, pois essa “injeção” de passado é o que faz o sujeito lembrar, (re) visitar, (re) interpretar o seu passado. É através da narrativa que o indivíduo pode compor imagens do passado. Mas a narrativa, ou, o narrador sofre também com a diluição do passado e da memória, esse apagamento do passado configurasse no esquecimento, mas seria esse esquecimento uma passividade ou uma atitude, uma força, como pensará Nietzsche?

O historiador que lida com as memórias como seu instrumento de trabalho está sempre em busca de narrativas, estará sempre visitando territórios, buscando as vozes que virão a dar legitimidade ao seu trabalho, ele instaura uma autoridade, em busca de pessoas que possam narrar histórias, exprimir memórias, construir novas tramas de vida. Mas esse sujeito, esse invasor, sabe o outro é quem nutre a sua pesquisa, sabe que sem o outro não há escrita, não haverá sequer história a contar.

Revisitar os tempos de produção agavieira do município de Cubati através das narrativas orais de pessoas que tiveram suas vidas marcadas por aquelas fibras, foi uma forma de entender que o passado ainda existe, e, se encontra na memória, nas falas, nos risos e nos semblantes dessas pessoas. Cada narrador, ao contar suas experiências, revelou como foi “os tempos de antigamente”, sem a pretensão de um discurso objetivo, esses homens e mulheres utilizaram as suas recordações e suas falas para pintarem um quadro do passado, quadro que se apresenta agora na forma de texto.

Um texto, não feito de tinta e papel, mas feito de vidas, costurado com sensibilidades, remendo que foram construídos cuidadosamente. Um texto que fala e que ri, que chora, um texto que me encantou. Texto que comungou de vidas singulares, de vidas que se (re) inventaram pelos caminhos da memória e pelos atalhos do esquecimento. Um texto que foi

ouvido foi escrito, feitos de encontros, encontros, feitos nos sofás, nas mesas da sala ou da cozinha. Este é texto fruto de olhares, muitos olhares...

Revisitando os caminhos do agave, podemos perceber que trata-se de uma história não só feita de desejos econômicos, mas caminhos feitos de vidas, de sentimentos, da alegria de poder ganhar o “tostãozim” de fazer a feira, caminhos feitos da saudade do tempo em que os filhos estavam ali juntinhos, e que mesmo com muito sofrimento e trabalho, era um tempo “bom demais”.

Peço que o leitor me permita concluir meu caminho, andanças que se tornaram suportáveis em cada conversa, em cada olhar com que troquei com meus narradores. Minha história se alimentou deles, nutriu-se de cada palavra, de cada gesto.

Pensando nisso lembro-me de uma leitura que fiz, de páginas que marcaram minha vida. Texto grifado, no livro, na mente e na minha alma. Segui inspirações, segui, em grande parte as trilhas do que diz Antonio Paulo Rezende (2010);

A narrativa é o pedaço da vida mais misterioso e vadio. Ela distrai e invade, consola e descobre, acomoda e tortura, adormece e atíça. Traça identidades e acelera corações. Consegue expandir-se, dialeticamente, nas gestões de cada um, alertando que a vida existe para ser contada, sem se esquecer que a escuta é outra travessia da narrativa. Não é exagero afirmar que, ao narrar, nos escutamos religiosamente, sobretudo quando estamos elaborando sentidos novos e surpreendentes. A narrativa configura-se como uma oração, quando aborda traços comuns, socializa a cultura, reforçando suas adições seculares. A narrativa é um laço com o outro (p, 96).

“A narrativa é um laço com o outro”, as narrativas criaram laços comigo, e eu com elas...

Compreendo que as narrativas compõem uma arte, arte que se mistura com as lembranças individuais e coletivas, e formam quadros do passado, leituras sensíveis do tempo. Ao narrarem suas vidas, essas pessoas recolhem pedaços do tempo e que falam da cidade, falam do passado de Cubati. As falas se misturam, falam da alegria em poder criar os filhos, poder trabalhar e alimentar os filhos em tempos de dificuldades, como ficou explícito nas falas de Seu Valdeci e de Seu Mauricio. Mas também expressam sentimentos do passado, como a saudade, tão latente nas falas de Dona Rita.

Creio que a memória pode ser entendida como uma tentativa de reconstruir os caminhos do passado, uma construção seletiva de recordações, memória marcada por esquecimentos, afetos e sensibilidades, pois de acordo com Ecléa Bosi (1994);

A memória pode percorrer um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo. Ela corre o perigo de se desviar quando encontra obstáculos, correntes que se cruzam no percurso. São as mudanças, os deslocamentos dos grupos, perda de meio estável em que as lembranças pudessem ser retomadas sempre pelos que as viveram (p, 420).

Por fim, assim como me relatou Dona Rita, eu tenho saudades, saudades do que fui, e agora não sou mais... Minha escrita me desmanchou, me modificou...

Assim termina mais um texto, mais uma atividade desse profissional da memória, de um caminhante em busca de narrativas, de um leitor de vidas...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In, PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes históricas**. São Paulo, Contexto, 2005. (p.155-202).

_____. **Ouvir contar: textos em história oral**. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In, ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). **História e sensibilidades**. Brasília, Paralelo 15, 2006 (p. 117-139).

_____. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In, _____. **História – A arte de inventar o passado: ensaios de teoria da História**. SP: EDUSC. 2007 (p. 199-209).

_____. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. In, _____. **Nos destinos da fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008. (p. 229-245).

_____.; NETO, Alfredo Veiga; FILHO, Alípio de Souza. (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. – 8. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARROS, Juberlânia Melo. **A crise do sisal e a atividade comercial no município de Pocinhos – PB**. Monografia apresentada ao curso de História. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2005.

BRITO, Wanderley de.; OLIVEIRA, Thomas Bruno. Padre Luiz Santiago de Moura. In; RIETVELD, Padre João Jorge (org.). **Estudos do Seminário: apanhados da história eclesiástica da Diocese de Campina Grande (1639-2009)**. João Pessoa: Editora Imprell, 2009. (p, 200-202) – (Coleção Estudos do Seminário IV).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. – 3 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In, AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. – 8. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. (p. 167-182)

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. _____. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (p. 197-291).

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. A operação historiográfica. In. _____. **A escrita da História**. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2011^a. (p. 45-108).

_____. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. – Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011b. – (Coleção História & Historiografia; 3).

COSTA, Ramilton Marinho. **Transformações econômicas e representações ideológicas dos trabalhadores do sisal**. Dissertação apresentada ao Mestrado de Sociologia Rural. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campina Grande, 1989.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. Tradução Fernanda Abreu. – Bauru, SP: Edusc, 2004. – (Coleção História).

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos & abusos da história oral**. 8^a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia da sensibilidade: a arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVIII). In, ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). **História e sensibilidades**. Brasília, Paralelo 15, 2006. (p. 217-247).

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões. **Saeculum Revista de História/UFPB**. João Pessoa. Jan./Dez. n^o 4/5. 1998/1999. (p. 13-39).

GUARINELLO, Norberto Luiz. Breve arqueologia da história oral. **Revista História Oral**. 1, 1998. (p. 61-65).

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX**. – Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

LANGUE, Frédérique. O sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In; ERTEZOGUE, Marina H; PARENTE, Temis G. (orgs.) **História e Sensibilidades**. Brasília, Paralelo 15, 2006. (p. 35-56).

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In, FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos & abusos da história oral**. 8^a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. (p. 15-26).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. – São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

MAHFOUD, Miguel; SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, 4 (1/2), 1993. (p. 285-298).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. – São Paulo: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória.** – 1. ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História, n. 10.** São Paulo, 1981. (p. 7-28).

NUNES, Mariângela de Vasconcelos. **Entre o capá verde e a redenção:** a cultura do trabalho com o agave nos Cariris Velhos (1937-1966, Paraíba). Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História. Universidade de Brasília, 2006.

_____. O cotidiano dos lavradores dos Cariris Velhos: um lugar de táticas. In; ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega (et. al.) (org.). **Historiografia e(m) diversidade:** artes e artimanhas do fazer histórico. João Pessoa: Editora da UFCG/ANPUH-PB, 2010. (p. 29-50).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In. _____, e LANGUE, Frédérique Langue. **História e sensibilidades:** memórias singulares e identidades sociais. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. (p. 9-22).

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundo Nuevos.** Colóquios, 2005. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/229>. Acesso em 11/07/2012. 12hs34min.

_____. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundo Nuevos.** Debates, 2006. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/1499>. Acesso em 19/07/2012. 12hs34min.

PEREIRA, Ângela Maria dos Santos. **Campeiras e operárias:** trajetórias femininas no sisal em Nova Floresta – PB (1960-1970). Monografia apresentada ao curso de História. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2007.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v.2, n. 3, 1989.

REZENDE, Antonio Paulo. As seduções do efêmero e a construção da História: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo. In, ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). **História e sensibilidades.** Brasília, Paralelo 15, 2006. (p. 35-56).

_____. **Ruídos do efêmero:** histórias de dentro e de fora. Recife, Editora Universitária da UFPE, 2010.

RIETVELD, Padre João Jorge. **História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada:** a devoção de José Bezerra da Costa. Campina Grande: Maxgraf, 2010.

SANTHIAGO, Ricardo. Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade. **Saeculum Revista de História** [18]; João Pessoa, jan./jun. 2008. (p. 33-46).

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. **Estudos Ibero-Americanos.** PUCRS, v, 32, n. 1. 2006. (p. 85-97).

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In. BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. (p. 37-58).

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. – Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 4ª ed., 1998.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, Região e Poder: a busca de interfaces metodológicas. **Locus: revista de História**, Juiz de Fora, vol 3. Nº 1. s/d. (p. 84-97).

APÊNDICE

Recordando o passado

*O povo de antigamente
Tinha mais felicidade
Apesar de trabalhar muito
Viviam a tranquilidade*

*O alimento era tirado
Direto da natureza
Não usavam fertilizantes
Tinha mais delicadeza*

*A diversão era legal
Todo mundo se alegrava
Não usavam a tal droga
O povo se respeitava*

*O povo era analfabeto
Mais tinha educação
Respeitavam uns aos outros
Tinham mais compreensão*

*Todo mundo trabalhava
Na apanha do algodão
Com o dinheiro que ganhava
Comprava alimentação*

*Apareceu o bicudo
Aquela praga do cão
Em toda a região Nordeste
Acabou o algodão*

*Ficou somente o agave
Para o povo se manter
Trabalhava no motor
Pra ganhar o que comer*

*Chegava o dia da feita
O dinheiro não faltava
De oito pra nove horas
O nosso patrão pagava.*

(Rosilda Barros de Medeiros)

Lista de entrevistas

Mauricio Cassimiro de Oliveira. 74 anos. Data da entrevista: 23/10/2012.

José Dionísio Sobrinho. 71 anos. Data da entrevista: 24/10/2012.

Maria Hélia de Sousa. 60 anos. Data da entrevista: 27/10/2012.

Valdeci Alves de Medeiros. 70 anos. Data da entrevista: 27/10/2012.

Rita Francisca de Castro. 70 anos. Data da entrevista: 29/10/2012

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da pesquisa que resultará no trabalho de conclusão de curso de *Silvano Fidelis de Lira*, declaro ser esclarecido (a) e estar de acordo com os seguintes pontos;

- A pesquisa terá como objetivo entender a questão da memória dos antigos trabalhadores dos campos e motores de agave na cidade de Cubati, durante as décadas de 1950-1980, dando destaque às Histórias de Vida e as Sensibilidades desses sujeitos.
- Ao (o) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).
- O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).
- Será garantido sigilo (caso esse seja uma exigência do entrevistado) dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial;
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário, e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar o pesquisador no número (83) 8621-2184, residente à Rua Padre Apolônio, n, 444, Centro, Cubati – PB.
- Ao final da pesquisa se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o pesquisador. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará na minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que autoriza a utilização dos depoimentos orais.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Cubati – PB, ____ / ____ /2012